

ÓRGÃO CENTRAL  
DO  
PARTIDO COMUNISTA  
PORTUGUÊSDirector  
António Dias Lourenço

# Avante!

**Proletários de todos os países: UNI-VOS!**

Propriedade do Partido Comunista Português \* Red. / Adm. - Av. Santos Dumont, 57-3.º - Tels. 769705-769744-769751-779828 \* Imp. e Comp. - Soc. Nac. de Tipografia, S. A. R. L. \* Distribuição - Distribuidora «O SECULO»

# VIVA O 1.º DE MAIO!

## À CLASSE OPERÁRIA, AOS TRABALHADORES, AO POVO PORTUGUÊS!

Nas vésperas do 1.º de Maio, Dia Internacional dos Trabalhadores, o Partido Comunista Português saúda calorosamente a classe operária, os assalariados agrícolas, os empregados, os trabalhadores da função pública, os camponeses, a intelectualidade, a juventude, os estudantes e as mulheres, toda a população laboriosa de Portugal, todos os que com a vanguarda organizada do proletariado português—o PCP—e em aliança com o MFA contribuíram decisivamente, ao longo de um ano de luta, para defender, consolidar e ampliar as conquistas democráticas do 25 de Abril e desenvolver, a partir do derrubamento do fascismo, um processo revolucionário apontado ao socialismo.

O Partido Comunista Português saúda, também, por ocasião do 1.º de Maio, a classe operária, os trabalhadores e os povos de todos os países, saúda de modo especial os povos das ex-colónias portuguesas, os povos dos países socialistas, os povos que se libertaram recentemente da opressão, do colonialismo, e do imperialismo, saúda e manifesta a sua solidariedade de combate para com os povos que vivem e lutam nas condições difíceis do fascismo que o povo português conhece bem por uma experiência de quase meio século. O povo português está solidário com todos aqueles que lutam pelo desanuviamento da tensão internacional, pela cooperação internacional, pela paz no mundo.

O povo português tem legítimas razões para comemorar com alegria o primeiro ano de liberdade e de paz. Os trabalhadores têm legítimas razões para neste novo 1.º de Maio lembrarem que seis dias depois do 25 de Abril o 1.º de Maio de 1974 comprovou a grandeza e o vigor da luta da classe operária e das massas trabalhadoras e a dinâmica popular complementar da dinâmica do movimento militar.

O 1.º de Maio de 1974 constituiu uma grandiosa afirmação de que a aliança Povo-MFA é a força motora da revolução portuguesa. O 1.º de Maio de 1975 confirmará o papel da classe operária e das massas trabalhadoras na construção de um Portugal democrático a caminho do socialismo.

As transformações económicas e sociais iniciadas com a nacionalização da banca, dos seguros, da electricidade, dos petróleos, da siderurgia, de quatro grandes empresas de transportes e as primeiras medidas de Reforma Agrária tornaram-se possíveis pelo reforço da aliança Povo-MFA e a sucessiva derrota pela acção das massas populares e dos militares progressistas de todas as tentativas da reacção para destruir as liberdades políticas e a situação democrática existente.

As históricas medidas decretadas pelo Conselho da Revolução e pelo quarto Governo Provisório, a partir do 11 de Março, marcam o início da liquidação do poder dos monopólios e dos latifundiários, abrem passagem ao aprofundamento da democracia, da democracia política para uma democracia política, económica e social, uma democracia a caminho do socialismo.

A consolidação das liberdades políticas e as transformações económicas e sociais em curso são a condição para a estabilização e desenvolvimento da economia e a base segura para o melhoramento das condições de vida das massas trabalhadoras e do povo em geral. Mas há que dar resposta no imediato às questões mais agudas que afectam a vida trabalhadora e do povo através da actualização do salário mínimo nacional e de outros salários mais baixos, da aplicação urgente das disposições recentemente aprovadas sobre o desemprego, de uma mais enérgica política de habitação.

A possibilidade de melhorar rapidamente as condições de vida das massas populares será forçosamente limitada pela grave situação em que os monopólios e latifundiários deixaram a economia nacional e pelas dificuldades que a sabotagem económica está criando.

A transformação revolucionária da economia portuguesa não se fará apenas pelas disposições de cima, governamentais, de nacionalização e Reforma Agrária. São as massas trabalhadoras quem, pela sua acção e pela sua luta, decidirá do sucesso ou insucesso destas disposições. São as massas trabalhadoras que, pela sua intervenção maciça, combativa e criadora, poderão transformar uma economia atrasada, dominada pelos monopólios, baseada na exploração, numa economia florescente, libertada do parasitismo monopolista, onde a exploração vá sendo eliminada, para servir o povo e o País.

Tal é uma das principais tarefas revolucionárias que se coloca à classe operária e aos trabalhadores portugueses ao chegar o 1.º de Maio de 1975. A sua realização passa pela instauração do controlo dos trabalhadores nas empresas nacionalizadas, pela sua intervenção nas diferentes fases do processo produtivo, pelo aumento da produtividade e da produção.

As recentes eleições para a Assembleia Constituinte demonstraram que o povo português dá o seu apoio à orientação contida no pacto proposto pelo MFA e subscrito pelos partidos, dá o seu apoio ao processo revolucionário em curso, às transformações económicas e sociais ultimamente decididas, à linha de reconstrução da economia por uma via socialista, apontada pelo MFA.

Dar aplicação rápida às medidas de nacionalização e da Reforma Agrária, nacionalizar outros sectores-chaves da economia nacional, consolidar e prosseguir a revolução é a forma de corresponder à vontade do povo demonstrada nas eleições.

O Partido Comunista Português sublinha que a reacção embora esteja batida não está derrotada. É necessário manter a vigilância popular e reforçar a capacidade de pronta resposta a qualquer nova tentativa contra-revolucionária.

O Partido Comunista Português aponta aos trabalhadores e a todo o povo, como primeira tarefa da hora presente, a construção de um regime democrático a caminho do socialismo.

Assinalemos o 1.º de Maio com grandes acções e movimentações de massas populares (manifestações, desfiles e festas):

Pela unidade da classe operária e dos trabalhadores!

Pela unidade das forças democráticas!

Pela aliança Povo-MFA!

Pela consolidação e reforço do processo revolucionário!

VIVA O 1.º DE MAIO!

27 de Abril de 1975.



**T**RABALHADORES portugueses, filhos da classe operária de Portugal, as nossas vozes vibram hoje em uníssono com as dos proletários de todos os países num VIVA A CLASSE OPERÁRIA INTERNACIONAL, VIVA O 1.º DE MAIO DE 1975!

Hoje, nas grandes demonstrações do Dia Internacional do Trabalho, por sobre as diferenças de opinião e credos políticos ou religiosos, prevalecerá entre os trabalhadores da cidade e do campo de todos os países a sua única condição de trabalhadores.

Situações políticas e sociais diferentes determinarão compreensivelmente a forma e o conteúdo das comemorações do 1.º de Maio nas mais diversas latitudes. Lá onde terminou para sempre a exploração do homem pelo homem e onde o Socialismo implantou firmemente as suas bandeiras, os trabalhadores saudarão os êxitos do trabalho criador e da edificação de uma vida social nova na qual começam já a ser realidade as aspirações mais queridas da Humanidade. Lá onde os povos quebraram para sempre as algemas do imperialismo e do colonialismo novos horizontes de liberdade se rasgarão na sua frente para destinos promissores.

Na terra mártir do Vietnam e do Camboja calou-se em definitivo a voz dos canhões e a última a fazer-se ouvir foi a das armas vitoriosas dos heróicos patriotas do Vietnam do Sul. Ontem de madrugada, véspera deste glorioso 1.º de Maio de 1975, o povo trabalhador vietnamês, com a derrota da clique traidora de Thieu & C., conseguiu libertar-se para sempre da tutela imperialista e obter enfim o termo da guerra e o triunfo da paz. A sua vitória numa luta tão difícil e heróica enche de alegria todos os trabalhadores e homens progressistas de Portugal.

Também na República da Guiné-Bissau e em Moçambique e Angola — nesta, embora, sob nova ameaça do imperialismo e do neocolonialismo — uma outra vida desponta depois de 500 anos de opressão colonial. Sob o signo da luta libertadora vitoriosa dos seus povos e da Revolução de Abril em Portugal, laços fraternos de amizade e cooperação pacífica nasceram e ganham consistência entre os nossos povos na luta comum pela liberdade e a independência nacional dos nossos respectivos países. O internacionalismo proletário, de que o 1.º de Maio é a manifestação mais expressiva, tem agora nas relações entre os povos português e das ex-colónias uma feição nova. Lá onde o capital monopolista e os grandes senhores da terra mantêm o seu poder, o 1.º de Maio terá de ser uma ampla jornada de luta multifórmica contra a exploração capitalista em defesa das reivindicações mais sentidas dos trabalhadores. Num mundo capitalista sacudido por uma das suas crises mais profundas e face a um mundo socialista que promoveu já a níveis nunca antes atingidos o bem-estar das massas populares, os trabalhadores farão o processo do domínio de classe da grande burguesia sobre os seus países e tirarão daí as suas conclusões políticas.

Para a classe operária portuguesa as comemorações deste 1.º de Maio inserem-se na luta popular pela consolidação das liberdades conquistadas, pelo desenvolvimento do processo revolucionário, pelo socialismo.

E se o dia 1 de Maio de 1974 significou a apoteose do 25 de Abril e a mais importante manifestação de massas registada em Portugal, numa afirmação poderosa de unidade e querer para a construção de um país verdadeiramente democrático, independente e livre, o 1 de Maio de 1975 constituirá potente demonstração de uma nova consciência de classe e capacidade revolucionária dos trabalhadores da cidade e do campo para levar a cabo até às suas últimas consequências as tarefas actuais da revolução democrática portuguesa.

Portugal está no limiar de uma nova etapa da sua vida nacional como país historicamente constituído.

As medidas promulgadas depois do 11 de Março pelo Conselho da Revolução e pelo Governo Provisório correspondem aos avanços das forças democráticas em Portugal e ao amadurecimento político do operariado industrial e agrícola, e mesmo de muitos pequenos e médios agricultores, como sectores mais consequentes da população portuguesa, os mais interessados em reformas sociais profundas.

Correspondem também a uma crescente capacitação da componente militar do processo revolucionário português — o MFA — quanto à autoridade e ao papel dos

militares democratas e revolucionários nas transformações sociais e políticas do País.

Mas tais medidas exigem por sua vez um novo salto de consciência dos trabalhadores, um salto que se traduza em prática revolucionária imediata como condição imprescindível para uma participação cada vez mais activa e dirigente nesse processo transformativo.

Com as nacionalizações já feitas e outras a levar a cabo e com a promulgação de uma Reforma Agrária que expropria os grandes senhores do latifúndio de largas parcelas de terra, até agora subtraídas à utilização pública, inicia-se uma fase transitória de colectivação dos sectores básicos da economia nacional sem a qual é impossível pensar em resolver problemas intrincados e imediatos do País e ainda menos preparar as condições essenciais para a passagem a novas formas, socialistas, de produção e distribuição das riquezas.

A transição para o socialismo — que implica levar até ao fim as tarefas de uma revolução democrática socialmente dirigida pela classe operária e politicamente conduzida pelas vanguardas das duas componentes motoras do processo revolucionário — exige dos trabalhadores uma rápida tomada de consciência para essa participação dirigente.

Participação dos trabalhadores em todo o processo produtivo numa direcção compartilhada pelo Estado nos sectores nacionalizados; crescente democratização do aparelho de Estado pelo desalojamento dos inimigos do processo e dos burocratas empedernidos dos pontos-chave de direcção estatal da economia nesta fase transitória, necessariamente orientada para a liquidação dos monopólios.

As eleições de 25 de Abril e os seus resultados mais vieram acentuar as exigências dessa rápida tomada de consciência da classe operária.

O «pacto» entre o MFA e os partidos políticos que retardou as eleições até que não fosse assinado, pelo menos pelos partidos da coligação governamental, estabeleceu claramente o condicionalismo do acto eleitoral e o seu significado real no processo revolucionário.

Ficou claramente estabelecido que:

- 1.º — As eleições se destinavam exclusivamente a uma Assembleia Constituinte que deverá elaborar e aprovar uma Constituição, válida para um prazo limitado;
- 2.º — As linhas gerais da Constituição serão definidas previamente entre o MFA e os partidos da coligação que assinaram o «pacto»; a Constituição deverá sancionar as conquistas revolucionárias a partir do 25 de Abril e deverá ser igualmente submetida à aprovação da Assembleia do MFA e do Conselho da Revolução; finalmente
- 3.º — O resultado das eleições não altera o processo revolucionário rumo ao socialismo nem a composição política dos órgãos do Poder, nomeadamente o Governo Provisório.

É um facto perturbador verificar a conduta do partido que maior votação obteve nas eleições, nos dias que se têm seguido ao acto eleitoral.

O Partido Socialista comete um grave erro de cálculo se atribui à sua força e influência reais no eleitorado os números substanciais que o fizeram eleger 116 deputados para a Assembleia Constituinte. Qualquer português medianamente informado sabe que o voto socialista de muitos milhares de eleitores só por uma questão de fonética tem a ver com o Partido Socialista.

Noutro lugar o dizemos: a opção socialista do MFA foi tomada por muitos eleitores menos esclarecidos como uma opção no Partido Socialista — o que é, como todos sabemos, uma interpretação sem fundamento.

Para os eleitores menos esclarecidos — e o breve inquérito da RTP mostra, com evidência, o grande esclarecimento de uma grande massa de eleitores — o Partido Comunista queria impor o «Comunismo» ao passo que o Partido Socialista é que tinha o monopólio do «socialismo». O PS sabe que isto não é verdade e no entanto cultivou, à larga, este primarismo de muitos e muitos filhos do nosso povo ontem mentidos na ignorância pelo regime fascista, hoje manipulados por caciques ao serviço da reacção mais obscurantista.

O PS sabe muito bem aquilo que milhares de portugueses e portuguesas não sabiam, no dia das eleições, isto é, que o Partido Comunista inscreve no seu programa e na sua bandeira de luta, o Socialismo, como primeira etapa de uma sociedade nova que caminhará histórica e imparavelmente para o Comunismo. Mesmo nos países socialistas, a passagem à fase comunista não está ainda na ordem do dia. Mesmo na União Soviética, 57 anos depois da Grande Revolução Socialista de Outubro, só agora começam a alargar-se as bases técnicas, científicas e culturais para passar à sociedade comunista.

O PS sabe muito bem, igualmente, que há uma concepção diametralmente oposta entre o seu «socialismo» e aquele que constitui a opção do MFA e mais ainda do que se aponta no programa do PCP.

Este é um outro facto perturbador: que espécie de socialismo preconiza o PS para Portugal? Com que forças pensa o PS aliar-se para edificar o seu socialismo?

Ou, melhor ainda, que espécie de revolução democrática defende o PS, que classe aponta para atingir esta revolução?

Como se pode interpretar a nova guinada anticomunista dos dirigentes do PS e a sua arrogância em relação aos comunistas portugueses?

Numa clara alusão à política do PCP, deformando-a, o secretário-geral do PS, dr. Mário Soares, disse à revista italiana «La Stampa» que era contra todas as ditaduras «mesmo a do proletariado». Há nisto, uma linha consequente quando se vê o namoro dos dirigentes do PS ao PSD e até mesmo a sua aliança com a AOC, que se diz partidária da ditadura do proletariado, mas para melhor esconder a sua cara de divisionista (frustrado) da classe operária ao serviço da reacção ou a «tocante» defesa que fazem do MRPP que se define, claramente, como inimigo do processo revolucionário e do MFA, com quem o PS assinou o «pacto».

Na entrevista ao jornal «A Capital», de 28 último, o dr. Mário Soares, que se entretive a atacar e a caluniar o PCP, ao referir a sua concepção de socialismo diz que não quer expor o País «a grandes riscos e aventuras que afectem o viver concreto de todos os portugueses...»

Todos? Mesmo os que nascidos em Portugal acumularam fortunas enormes à custa da exploração mais desenfreada dos trabalhadores portugueses?

Na referida entrevista faz a certa altura o secretário-geral do PS, uma defesa cerrada da Aliança Atlântica. A «La Stampa» disse que o resultado das eleições «pode servir para superar a situação difícil do diálogo com a Europa».

Não quererá isto dizer que os dirigentes do PS se preparam para tentar impor a Portugal uma democracia burguesa, um «socialismo» social-democrata, que leve à prática o tal «compromisso histórico» com os monopólios para que estes continuem a explorar, com toda a liberdade, os trabalhadores portugueses?

São problemas como este, de natureza ideológica e política, que hoje, 1.º de Maio de 1975, se colocam à classe operária e a todos os trabalhadores portugueses.

Pensamos que todos os que têm participado na luta política, em Portugal, estão hoje em condições de saber que o «socialismo em liberdade», preconizado pelo PS — que é na sua essência anticomunismo e anti-sovietismo dos mais grosseiros — não é o mesmo preconizado pelo MFA, como o dr. Mário Soares procura fazer crer. É uma questão que aos «capitães» do 25 de Abril caberá deslindar.

Não será, com certeza, o «socialismo em liberdade» do sr. ex-general Spínola, que tinha, como se sabe, uma importante comunicação a fazer ao País, pela rádio e TV, talvez a ser lida por uma voz de intonações mais juvenis.

Hoje, os trabalhadores portugueses afirmarão nas ruas a força da sua unidade, a sua determinação em levar até ao fim o actual processo revolucionário e em defender como garantia, mais séria do avanço da democracia em Portugal a aliança Povo-MFA.

A presença de destacados dirigentes do MFA na manifestação grandiosa deste 1.º de Maio de 1975, ao lado dos trabalhadores, indica que as verdadeiras forças da Revolução em Portugal, continuam empenhadas em levar por diante o processo revolucionário contra as forças que dentro e fora do País querem entrar a sua marcha.

## 1.º de Maio



# AS ORIGENS E O SIGNIFICADO DA COMEMORAÇÃO DO 1.º DE MAIO

Primeiro de Maio. Uma bandeira de combate, a lembrança de heróicas jornadas de luta, a recordação de massas da classe operária, uma festa, a confiança num amanhã socialista, a data simbólica da fraternidade que une os trabalhadores de todo o Mundo. O 1.º de Maio foi e é tudo isso. E muito mais. É passado, presente e futuro. É a certeza de uma sociedade sem exploradores nem explorados, a certeza da vitória final dos trabalhadores, a certeza de que o capitalismo será implacavelmente destruído, a certeza de que as massas trabalhadoras, unidas, são invencíveis.

Os senhores do capital não conseguiram abafar o grito histórico de Karl Marx: «Proletários de todos os países, uni-vos!» A reacção derramou desde então o sangue de milhões de trabalhadores, explorou até à morte milhões de operários e camponeses, mas não conseguiu conter os exércitos proletários. Unidos, os trabalhadores ampliaram as suas conquistas democráticas e revolucionárias, avançaram passo a passo, ano após ano, dia após dia. Com a segurança dos fortes. Na longa duração da história, a frente do capital mostrou-se incapaz de deter a ofensiva desencadeada pela compacta muralha de aço construída pelos peitos dos trabalhadores de todas as nacionalidades, espalhados pelos quatro cantos do Mundo.

O 1.º de Maio nasceu, como data simbólica, de uma vitória da classe operária que a reacção, arrogantemente, interpretou como derrota. Nasceu no maior baluarte do capitalismo e do imperialismo: os Estados Unidos. Nas últimas décadas do século XIX a luta pela jornada das oito horas de trabalho assumiu já grande amplitude nas sociedades capitalistas mais avançadas da Europa. Mas foi a Federação Americana do Trabalho quem, em 1888, no Congresso de Saint-Louis, decretou pela primeira vez uma greve geral do 1.º de Maio, ligando-a à exigência das oito horas de trabalho. Um ano depois, o Conselho Nacional da Federação das Sociedades Operárias apresentou num congresso marxista, em Paris, uma proposta para «que todos os países e em todas as povoações se organize, num determinado dia, uma grande manifestação internacional dos trabalhadores, a fim de reclamarem dos poderes públicos o estabelecimento do dia normal de oito horas de trabalho, e todas as demais reivindicações que o congresso formular». A escolha da data do 1.º de Maio, bandeira dos trabalhadores americanos, mereceu a aprovação unânime.

Nunca mais, desde esse ano, o 1.º de Maio deixou de ser uma jornada internacional de luta e glória para os trabalhadores. Em Portugal foi comemorada pela primeira vez em 1890. Desde então, a voz e a força do proletariado ganharam uma dimensão universal, fazendo estremecer os alicerces do capitalismo. Na Europa, a grande burguesia

adoptou posições flexíveis, recorreu à demagogia, alterou a repressão com recuos, procurou transformar derrotas em concessões. A maioria dos governos reacçãoários da época, não podendo impedir o 1.º de Maio esforçou-se por lhe mudar o carácter, tentou apresentá-lo como uma jornada apenas humanitária, simulou dar-lhe a sua adesão. Na Alemanha monárquica e com vestígios feudais, o Kaiser, Guilherme II, precedendo modernos pescadores, de águas turvas, colocou uma máscara democrática, declarando-se «socialista».

Mas a conquista definitiva da jornada de oito horas custaria aos trabalhadores muito sangue, muito heroísmo. Por ela se batem ainda milhões de operários e camponeses. Por ela caíram em Portugal, durante o fascismo, muitos filhos do povo, muitos militantes comunistas.

O ódio ao 1.º de Maio por parte dos inimigos dos trabalhadores passou a ser uma constante. Nos Estados Unidos, berço da data simbólica, o 1.º de Maio acabou por ser abolido do calendário como festa nacional. Não é feriado. As grandiosas manifestações do proletariado apavoraram os governantes e os grandes empresários americanos. A chacinha dos trabalhadores de Chicago, em 1891, ficou a assinalar o terror da reacção e a natureza antidemocrática e repressiva de um regime que não mudaria, no essencial, até

hoje, e pretende apresentar-se como modelo de democracia, embora os seus alicerces assentem na exploração dos trabalhadores americanos, e também na exploração de centenas de milhões de trabalhadores de outros países. A pátria do 1.º de Maio converteu-se na maior fortaleza do imperialismo, no baluarte do capitalismo.

Mas todo o poder do imperialismo, toda a violência da exploração capitalista, todos os massacres de Chicago, repetidos no tempo, perpetuados na interminável série de crimes cometidos mais tarde na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini, na Espanha de Franco, no Portugal de Salazar, e em dezenas de outros países, não detiveram os pontos da história. Foram impoentes contra a força e a unidade dos trabalhadores, na sua marcha para a democracia, para o socialismo, para a liberdade.

A primeira cidade do capitalismo ruiu em 1917, sob os golpes do proletariado russo, durante a Grande Revolução Socialista de Outubro. Hoje um terço da Humanidade está livre da exploração capitalista e pode, orgulhosamente, festejar neste 1.º de Maio de 1975 as imensas conquistas do socialismo. As portas dos Estados Unidos, em Havana, na Plaza de la Revolución, o povo cubano reunir-se-á mais uma vez, em clara demonstração de que até na América Latina imperializada, o imperialismo

pode ser destruído. Nas cidades e aldeias do Vietnam, embora de Hanoi, da Da Nang, o povo, de Ho Chi Minh comemorará as suas vitórias, que são vitórias da Humanidade progressista e carregam em si a certeza de que também na Ásia a dominação imperialista será varrida. Em Bissau, cidade símbolo da Revolução Africana, o grande povo da pequena Guiné de Amílcar Cabral estará nas ruas para relembrar as duras lutas do passado, o esmagamento do colonialismo, uma epopeia que é exemplo para toda a África, a solidariedade fraterna que o une ao povo revolucionário de Portugal.

Em todos os países oprimidos pelo imperialismo, pelo fascismo, pelo racismo, pelo colonialismo, milhões de trabalhadores, desafiando todas as proibições e violências da reacção, desfilarão pelas ruas, manifestar-se-ão nas praças públicas, desafiarão os Pinochet e os falsos tenores das falsas democracias, desafiarão o capitalismo.

A mesma fé revolucionária, o mesmo sentimento de solidariedade, a mesma confiança no futuro pulsarão nos peitos de centenas de milhões de trabalhadores, da Praça Vermelha de Moscovo ao Estádio 1.º de Maio em Portugal, da Santiago martirizada a Phnom Penh, que acaba de reconquistar a liberdade. O 1.º de Maio não tem nacionalidade. É uma festa proletária internacionalista.



Foi difícil a vitória do povo vietnamita. A partir de agora não mais se repetirão as sangrentas cenas de guerra. Os esforços viram-se agora para a construção do futuro para que o povo de todo o Vietnam possa enfim viver livre e independente e construir em paz o seu destino, como acentuava a saudação que o nosso Partido enviou ao Comité Central do Partido dos Trabalhadores do Vietnam, assinalando a histórica data

# VITÓRIA DO VIETNAME VITÓRIA DA HUMANIDADE

O povo do Vietnam venceu! Com a rendição incondicional do último governo fantoche de Saigão às forças do Governo Revolucionário Provisório do Vietnam do Sul terminou o último acto de uma guerra que, sendo a mais monstruosa, foi também a mais heróica de quantas se sucederam no mundo nos últimos trinta anos. Foi uma vitória difícil a do povo do Vietnam, uma das mais caras que povo algum jamais alcançou. Durante décadas, a França, primeiro, e os Estados Unidos, depois, tentaram impedir que o povo vietnamita construísse em liberdade o seu próprio futuro. Sobre as cidades e os campos do Vietnam foram lançadas mais bombas do que o total que explodiu sobre a Europa inteira durante a última guerra mundial. Somente os Estados Unidos gastaram mais de 5 biliões de contos nos últimos doze anos na tentativa de perpetuar a opressão colonial sobre o povo vietnamita. Mas os seus exércitos, a sua marinha, a sua força aérea, os seus dólares não bastaram para quebrar o indomável espírito de resistência da pátria de Ho Chi Minh. Queimaram as florestas, envenenaram os arrozais e os rios, cegaram e mutilaram centenas de milhares de trabalhadores, encerraram milhões em aldeamentos estratégicos, mataram mais de um milhão de vietnamitas. Mas o colonialismo e o imperialismo foram derrotados. Um pequeno e pobre povo demonstrou ao longo de uma epopeia incomparável a vontade de independência, de paz e de progresso política ser mais forte do que o dinheiro, as armas e o poder de corrupção da maior potência capitalista do mundo. O imperialismo foi derrotado no Vietnam, foi posto de joelhos.

O Vietnam é uma grande lição para a Humanidade. É uma grande lição para todos os povos que lutam, em condições menos desfavoráveis, pelos mesmos objectivos, pelos quais se bateram até à vitória final a República Democrática do Vietnam e a Frente Nacional de Libertação e o Governo Provisório do Vietnam do Sul. Em outros continentes o imperialismo alcançou êxitos ocasionais, criando situações que não conseguiu reproduzir no Vietnam. Na terra Ho Chi Minh sofreu uma série ininterrupta de derrotas. A unidade e a vontade revolucionárias do povo ganharam todas as batalhas.

O Vietnam festeja agora a vitória difícil, mas que nunca ofereceu dúvidas, sobre o imperialismo e as forças contra-revolucionárias internas que fizeram o seu jogo.

O Portugal democrático e revolucionário associou-se calorosamente ao jubileu da heróica nação. A vitória do povo, dos trabalhadores vietnamitas é também uma vitória do povo e dos trabalhadores portugueses.

Para nós, comunistas, a rendição dos fantoches de Saigão não é uma surpresa. A nossa confiança no desfecho da guerra patriótica da nação vietnamita foi sempre inabalável e manifestou-se ao longo dos anos. Durante o fascismo, o PCP, desafiando o apelo de repressão,

promoveu incontáveis manifestações de solidariedade ao Vietnam e reforçou os laços fraternos que sempre o ligaram ao partido do camarada Ho Chi Minh e à Frente de Libertação Nacional e ao GRV.S. Em Julho de 1973, uma delegação do CC do nosso Partido, constituída pelos camaradas Blauqui Teixeira e Jaime Serra, visitou a República Democrática do Vietnam, levando consigo a solidariedade de todos os militantes comunistas e dos trabalhadores portugueses. Uma delegação do Rádio Portugal Livre esteve também na heróica nação.

Hoje estão criadas, finalmente, as condições para que o Vietnam, artificialmente dividido pela criminal política do colonialismo e do im-

perialismo possa decidir livremente o seu destino.

Para assinalar a histórica data, o Comité Central do PCP enviou ao CC do Partido dos Trabalhadores do Vietnam a seguinte mensagem:

**Queridos Camaradas:**  
Calorosas saudações fraternais dos comunistas portugueses aos comunistas e a todo o povo do Vietnam heróico pela histórica vitória da libertação total da vossa pátria. Vossa luta e vitória são exemplo e contribuição preciosa para luta todos os trabalhadores e povos do mundo.

Que o povo de todo o Vietnam possa enfim viver livre e independente e construir em paz o seu destino.

Que o socialismo floresça na terra vietnamita.

Que se reforcem e ampliem os laços fraternos entre os nossos partidos e povos.

Simultaneamente o CC do nosso Partido enviou ao CC da Frente Nacional de Libertação do Vietnam do Sul a mensagem que abaixo publicamos:

**Queridos Camaradas:**  
Comunistas portugueses saudamos calorosamente a histórica vitória final vossa heróica luta pela libertação do Vietnam do Sul do domínio e opressão criminosos do imperialismo e seus lacaios.

Que o povo do Vietnam possa enfim decidir livre e independente o seu destino e reconstruir em paz a sua pátria devastada.  
A vitória do vosso heróico povo é vitória para todos os povos do mundo.



# FESTA E DESAFIO

O povo trabalhador celebrará hoje com entusiasmo transbordante o seu segundo 1.º de Maio em liberdade. Comemorará as derrotas infligidas à reacção no 28 de Setembro e no 11 de Março. Comemorará as grandes conquistas revolucionárias da descolonização, da unidade sindical, da nacionalização da banca e das companhias de seguros, de grandes empresas monopolistas e a sua certeza na concretização da Reforma Agrária.

As duas componentes confraternizarão nas ruas. Os trabalhadores das Forças Armadas e os trabalhadores das fábricas, dos campos e da função pública, o povo trabalhador, fardado e o povo sem farda, manifestarão com palavras, sorrisos, abraços, cravos e bandeiras a sua alegria por tudo o que fizeram com as suas próprias mãos. Os trabalhadores, civis e uniformizados, destruiram o fascismo, e estão a construir uma sociedade democrática a caminho do socialismo.

Mas a festa será também desafio. É indispensável que o seja. E sê-lo-á. A reacção, batida em dezenas de confrontos, não foi esmagada. O povo tem consciência dessa realidade. Os monopólios, cuja morte foi prematuramente anunciada pelo Partido Socialista, continuam a explorar os trabalhadores. A Reforma Agrária somente iniciou os primeiros passos. Os latifundiários retomaram nos últimos dias a sua arrogância, animados por falsas análises dos resultados eleitorais. O capitalismo, ao contrário do que afirmam certos dirigentes políticos burgueses partidários de soluções de con-

vívio com os monopólios e o latifúndio, não está «decaído». Está vivo. E é preciso destruí-lo, destruir o poder ainda considerável das grandes empresas monopolistas e dos latifundiários. Ao lado do MFA.

O nosso Partido estará presente em força neste 1.º de Maio. A força do PCP vem do seu comportamento revolucionário, da sua poderosa implantação entre as massas. Hoje, como nos tempos do fascismo, como nos anos difíceis em que só o nosso Partido, como vanguarda organizada da classe operária, mobilizava os trabalhadores e, expondo os seus dirigentes e militantes, transformava, ano após ano, a Festa dos Trabalhadores em vitoriosas jornadas de luta contra o fascismo e o colonialismo.

Os comunistas estão a rã o com o povo, com o MFA, com os trabalhadores e as Forças Armadas no combate, cada vez mais árduo, cada vez mais difícil, mas também cada vez mais recompensador, por uma sociedade a caminho do socialismo.

O 1.º de Maio será uma grandiosa festa. Mas será também uma demonstração do espírito revolucionário que empolga o movimento popular de massas e o MFA. Será igualmente um desafio à reacção.

A vitória é difícil, mas é nossa!

**SEARA NOVA**  
N.º DE ABRIL  
Movimento Popular de Massas, Unidade e Consolidação da Vitória por Albano Lima  
A Situação Política e as Eleições por Augusto da Costa Dias  
«Dossier» Banca-Seguros por Vasco Gomes da Silva  
Portugal Depois da Revolução dos Capitéis por W. Burchett  
A Contribuição dos Escritores Portugueses na Resistência Antifascista por Alexandre Cabral  
Entrevista com Pedro Soares  
A Democracia Socialista

LÊ • ASSINA • DIVULGA  
**a opinião**  
UMA VOZ DEMOCRÁTICA  
REDAÇÃO: AV. DA BOAVISTA, 601 — PORTO — TEL. 64418

# MORREU JACQUES DUCLOS

Jacques Duclos morreu. O camarada Jacques Duclos, dirigente do Partido Comunista Francês, foi das figuras mais destacadas e profundamente empenhadas em todos os processos de luta do povo francês desde a primeira guerra mundial. A sua vida está intimamente ligada à história da França nas últimas décadas, funde-se com os avanços e recuos na luta do povo francês. O seu nome e a sua figura estão presentes em todos os grandes acontecimentos que são património da história contemporânea de França.

Aprendiz de pasteleiro aos 12 anos, soldado na primeira grande guerra mundial, onde foi ferido e aprisionado pelos alemães, o camarada Jacques Duclos foi um dos fundadores do Partido Comunista Francês, tendo participado no Congresso de Tours. Em 1926 passou a fazer parte do Comité Central do Partido irmão de França, tendo entrado, nesse mesmo ano, para o Parlamento.

Jacques Duclos, como dirigente do Partido Comunista Francês, foi uma das figuras centrais na denúncia da política de tração nacional praticada pelo governo de Vichy, que colaborou com o invasor alemão. Um governo traidor, que enquanto permitia a formação de milícias fascistas reprimia cruelmente os militantes comunistas, ilegalizava o Partido Comunista Francês, entregava aos esbirros nazis os militantes comunistas e outros patriotas que detinham nas suas masmorras. Dentro da política tradicionalmente seguida pelas forças reacçãoárias, de imputar aos seus inimigos os seus próprios crimes, para justificar o agravamento da repressão, o governo traidor da França no limiar da segunda guerra mundial, acusava os comunistas de traição. A posição das forças de direita francesas, e da sua polícia, durante a guerra, levava o camarada Duclos a afirmar posteriormente que no ataque às forças patrióticas da resistência francesa aquelas se tinham distinguido mais ainda que as próprias hordas nazis, por melhor conhecimento das pessoas e da sua acção.

Dirigente da resistência em Paris contra o ocupante nazi, o camarada Duclos chefiou, durante anos, após a derrota dos nazis e a libertação de França, o grupo comunista na Assembleia Nacional e posteriormente no Senado. Foi candidato pelo PCF a presidência da República.

Em 1972, a União Soviética atribuiu a Duclos a Ordem de Lenine. No discurso então proferido, o camarada Nikolai Podgorny salientou que esta era conferida «em reconhecimento dos seus altos serviços como comunista veterano e comprovado pelo tempo, marxista-leninista consequente e internacionalista intransigente, que ocupa um lugar destacado na luta do proletariado francês e no movimento comunista do mundo inteiro».

**A VOZ DO PCP**  
Todas as 2.ª-feiras às 22 horas  
no Rádio Clube Português  
O PCP FALA PARA TI

**Novos livros Estampa**  
HISTÓRIA DA LUTA CONTRA O TROTSKISMO  
Serguéi Dmitriev Vsevolodivov  
Cadernos Políticos, n.º 16  
Preço: 30\$00  
A ECOLOGIA NA ESCOLA  
Jeanne Dubois  
Técnicas de Educação, n.º 13  
Preço: 50\$00  
A FRAUDE SAKAROV SOLJENITSINE  
Gus Hall  
Cadernos Políticos, n.º 17  
Preço: 30\$00  
TEORIA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL  
Pierre Naville  
Teses, n.º 14  
Preço: 120\$00  
MANUAL DE FÍSICA ELEMENTAR — IV  
L. Landau A. Kitaigorodski  
Biblioteca Estampa, n.º 11  
Preço: 60\$00  
EDITORIAL ESTAMPA  
Rua da Escola do Exército, 9, r/c, Dto.  
Telef. 55 56 63 Lisboa-1

COLEÇÃO "RESISTÊNCIA"  
**CARTAS DA PRISÃO**  
(1 VIDA PRISIONAL) José Magro

**Avante!**  
**ASSINATURAS**  
TABELA DE PREÇOS — 50 NÚMEROS

CONTINENTE E ILHAS	
Via normal (superfície) .....	180\$00 <input type="checkbox"/>
Via aérea .....	240\$00 <input type="checkbox"/>
ANGOLA, CABO VERDE, MACAU, MOÇAMBIQUE, S. TOMÉ, TIMOR	
Via normal (superfície) .....	190\$00 <input type="checkbox"/>
Via aérea .....	570\$00 <input type="checkbox"/>
ESPANHA	
Via normal (superfície) .....	190\$00 <input type="checkbox"/>
Via aérea .....	270\$00 <input type="checkbox"/>
REstantes PAÍSES EUROPEUS	
Via normal (superfície) .....	320\$00 <input type="checkbox"/>
Via aérea .....	430\$00 <input type="checkbox"/>
GUINÉ-BISSAU	
Via normal (superfície) .....	190\$00 <input type="checkbox"/>
Via aérea .....	570\$00 <input type="checkbox"/>
BRASIL	
Via normal (superfície) .....	190\$00 <input type="checkbox"/>
Via aérea .....	630\$00 <input type="checkbox"/>
REstantes PAÍSES	
Via normal (superfície) .....	320\$00 <input type="checkbox"/>
Via aérea .....	730\$00 <input type="checkbox"/>

NOTA: Atendendo a que não temos serviço de cobrança, solicitamos que conjuntamente com o pedido de assinatura nos remetam cheque ou vale de correio.

É impossível traçar a história do movimento operário em qualquer país sem considerar o 1.º de Maio, Dia Internacional do Trabalhador, símbolo de lutas árduas da classe operária e dos povos oprimidos. É possível, por isso mesmo, recordar o duro combate antifascista em Portugal, ignorando o 1.º de Maio, data em que magníficas jornadas de resistência foram realizadas pelo Povo Português.

Nu luta heroica da classe operária e de todos os trabalhadores contra a exploração

Lisboa, produtos coloniais e da América do Sul que eram depois transportados para Espanha e daí para a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini. Entretanto, no mercado internacional vão escasseando produtos de primeira necessidade tais como a manteiga, o açúcar, o sulfato de cobre, o café, as carnes fumadas, os metais, etc. O Avante!, órgão central do nosso Partido, denuncia com insistência o *cancho* entre os fascistas alemães, espanhóis e portugueses para o rompimento.

Em Abril de 1944, o Avante!, porta-voz da linha de orientação do Partido, lança o apelo à luta pelo Pão: *É necessário que a luta pelo Pão e pelos Géneros seja desencadeada em todo o País... Só pela luta o Povo Português se livrará de ser morto à fome pelo governo fascista de Salazar. Avante na luta pelo Pão!*

A mobilização para o dia 1.º de Maio de 1944 vem a resultar, um pouco mais tarde, nas gigantescas greves de 8 e 9 de Maio em que se envolvem dezenas de milhares de

O 1.º de Maio de 1945, véspera da queda de Berlim, "golpe fatal e decisivo na Alemanha hitleriana", não constitui ainda este ano uma grandiosa manifestação. Mas os dias 7, 8 e 9 de Maio dão ocasião a importantes manifestações antifascistas. Cavalarias e tanques marcham contra os manifestantes em diversas regiões do País. Em Setúbal, um jovem é morto à espadreira. Multiplicam-se as prisões. Mas o espírito de luta não se abate. O povo português espera um novo impulso de esperança aos trabalhadores portugueses. A 20 de Maio desse ano, rebentam greves no Alentejo. Em Montemor este movimento tem uma grandeza inesperada. São presos cerca de 1500 camponeses na praça de touros, sucedem-se os espancamentos. A greve continua e, finalmente, a 23 de Maio, o governo fascista cede: são atendidas as reivindicações salariais, os presos libertos, chegam à vila três camionetas com géneros e no matadouro local são mortos porcos para abastecer o povo de toucinho.

A queda do fascismo na Alemanha e na Itália, após uma aventura sangrenta saldada em vinte milhões de mortos, não representou a derrocada do regime fascista em Portugal. O nosso Partido continua, esforçando-se para conduzir a luta pela libertação do povo português, combinando as formas legais de acção com as formas ilegais e conquistando cada vez mais o apoio da classe operária. Nas vésperas do 1.º de Maio de 1946, o Avante! lança a palavra de ordem por um 1.º de Maio dia de luta pelo pão e pela liberdade, um dia de luta contra a tirania fascista.

A luta intensifica-se. Entre Abril e Maio de 1947, 20.000 trabalhadores da região de Lisboa entram em greve por um período de 18 dias. O governo responde com prisões em massa, espancamentos da população nos bairros populares, deportamentos de fábricas, deportações, sem julgamento para o Tarrafal. Em 1948, o Avante! chama os trabalhadores portugueses a reverem o 1.º de Maio, data gloriosa de luta pela jornada das 8 horas de trabalho, nestes termos: *Hoje, que os imperialistas americanos e todos os seus parceiros do Mundo inteiro, onde naturalmente não faltam os exploradores fascistas portugueses, fazem todas as tentativas para reduzir os trabalhadores à escravidão e esmagarem as forças democráticas do Mundo, o 1.º de Maio deverá ser assinalado em todos os locais de trabalho, nos locais de trabalho, nos locais de reivindicações, pelo fortalecimento da unidade dos trabalhadores, pela conquista dos sindicatos nacionais, colocando nas suas direcções homens dedicados à sua classe. Pela conquista das liberdades democráticas!*

Em 1949, o Avante!, referindo-se ao 1.º de Maio, assinala: *Nos países de democracia popular, os trabalhadores libertos dos governos fascistas e reacçãoários celebraram o 1.º de Maio de 1949 sob o signo da consolidação e desenvolvimento dos seus regimes democráticos e popula-*

res e o fortalecimento das suas relações de amizade com os demais povos democráticos do Mundo. No Portugal de Salazar e na Espanha de Franco, submetidos a mais pela paz, do fortalecimento da unidade da classe operária e da unidade nacional antifascista, na luta pelo derubamento da camarilha salazarista e por um governo

Assim, em 1962, correspondendo ao apelo do nosso Partido e das juntas patrióticas, centenas de milhares de portugueses vieram para as ruas enfrentar combativamente a repressão salazarista e levantar de novo com a maior energia as reivindicações populares pela paz em Angola, pela amnistia, por maiores salários, pela liberdade.

No Alentejo, as comemorações são integradas nas grandiosas lutas do operariado agrícola pela conquista das 8 horas.

As grandes lutas que o nosso Partido vinha conduzindo e, em especial, a preparação da comemoração do 1.º de Maio, elevaram a unidade, a organização e também a combatividade do operariado agrícola. No Alentejo litoral, cerca de 50 mil trabalhadores (entre os quais 35 mil operários agrícolas) fizeram greve no 1.º de Maio.

O ambiente em Lisboa ao chegar o 1.º de Maio era de grande tensão e entusiasmo. As 19 horas a Baixa estava ocupada por mais de 100 mil manifestantes — operários, empregados, estudantes, mecadamente —, que começaram a dar vivas à liberdade e a cantar em coro impressionante o Hino Nacional, deslocando-se com disticos para o Terreiro do Paço.

Com a selvajaria habitual, companhias da Polícia e esquadrões da Guarda Espanhola indisciplinadamente homens, mulheres e crianças. Em Aljustrel, a GNR matou a tiros de metralhadora dois mineiros — António Adão e Francisco Madeira — e feriu gravemente mais quatro, entre os quais uma mulher.

Também no Porto, em Almada, Barreiro e em muitos outros pontos do País, largos milhares de populares saíram para a rua a gritar bem alto: "Liberdade! Paz em Angola", "Abaixo o fascismo! Morra Salazar!"

41 • 1/5/75

Proletários de todos os países: UNI-VOSI

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GRANDE JORNADA DO 1.º DE MAIO!

Centenas de milhares de trabalhadores em manifestações!

O Povo de Lisboa luta nas ruas com a polícia

As informações ainda incompletas que chegam ao Avante! permitem-nos desde já afirmar que as manifestações do 1.º de Maio foram uma das maiores jornadas nacionais contra o fascismo. A sucessão de grandes Portos das Juntas Patrióticas, centenas de milhares de portugueses vieram para as ruas enfrentar combativamente a repressão salazarista e levantar de novo com a maior energia as reivindicações populares pela paz em Angola, pela Amnistia, por maiores salários, pela liberdade. Respondendo com as metralhadoras, o governo criminoso de Salazar confiou mais uma vez a um regime condenado a destruição.

As manifestações do 1.º de Maio são um acontecimento de maior importância política e social em Portugal. O povo português não se contenta com as vitórias parciais, mas luta para conquistar a liberdade plena. As manifestações do 1.º de Maio são um acontecimento de maior importância política e social em Portugal. O povo português não se contenta com as vitórias parciais, mas luta para conquistar a liberdade plena.

28 de Maio: Fora Salazar!

Os salazaristas preparam-se para celebrar o 28 de Maio assentes na repressão brutal e no assassinato.

O 28 de Maio é o dia de todos os trabalhadores portugueses, a juventude, as mulheres, os intelectuais. TODOS, para que no dia 28 de Maio se realize uma grande jornada de protesto contra os crimes e as violências da diáspora de Salazar.

Mostramos por todas as formas e meios repulsa pelo salazarismo! Aproveitemos a experiência colhida nas últimas manifestações para tornar mais ampla e mais vigorosa a luta antifascista. Viva a UNIDADE ORGANIZADA E COMBATIVA DO POVO!

Correspondendo aos apelos do Partido, da Junta Patriótica de Lisboa e de muitas outras Juntas Patrióticas locais, o povo de Lisboa levou a cabo no dia 1.º de Maio, uma das maiores e mais combativas manifestações da nossa história. O ambiente em Lisboa ao chegar o 1.º de Maio era de grande tensão e entusiasmo. Toda a gente sabia do apelo para a manifestação, por toda a cidade se comoviam as inscrições, as tarjetas, os manifestos, os cartazes, que em número de cerca de cem mil foram distribuídas semanas distribuídas, lançadas em cinzas, nas ruas, nas praças, aliadas nas paredes, por muitas dezenas de brigadas de agitação.

As companhias móveis da polícia, os esquadrões da Guarda Nacional Republicana e as brigadas da PIDE lançaram-se então sobre a massa do povo para fazer disparar e prender os manifestantes que se dispersaram para as suas lanchetas, estudantes, mulheres, empregados, intelectuais. De momento a metralha, o gás lacrimogénico, os golpes de bastão, as pedras e as balas foram lançadas contra os jovens chegados ao centro da cidade para se defenderem. As manifestações foram duras e a Baixa estava ocupada por mais de 100 mil manifestantes que entraram na zona da Baixa para se defenderem. As manifestações foram duras e a Baixa estava ocupada por mais de 100 mil manifestantes que entraram na zona da Baixa para se defenderem.

“LIBERDADE! PAZ EM ANGOLA!” — clama o povo nas ruas do Porto

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados. Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

O massacre de Aljustrel

Em toda a região militar de Aljustrel tem-se vivido nos últimos meses um período de grande agitação e descontentamento. Muitos feitos em Abril várias reuniões amplas onde os trabalhadores discutiram a luta por melhores condições de vida e a comemoração do 1.º de Maio. Quando se realizou, em Maio, as forças da GNR intervieram brutalmente prendendo dois operários que iam com os seus companheiros. Imediatamente se desencadeou um movimento de protesto dos trabalhadores que se recusaram a mais qualquer concessão nas condições de trabalho. Aconteceu pelo povo encontrar-se com a GNR e com as rajadas de metralhadora sobre a multidão, matando dois mineiros e ferindo gravemente mais quatro, entre os quais uma mulher.

O povo de Aljustrel reagiu com a maior indignação ao conhecimento do banditismo da GNR e reagiu o imediato castigo dos culpados.

operários e assalariados agrícolas da região de Lisboa. A onda de repressão que se sucede não tem precedentes. As prisões ficam repletas. Em Vila Franca de Xira e em Lisboa as forças repressivas são obrigadas a meter os grevistas nas praças de touros, depois a lotação nas prisões encerrando as fábricas por trinta dias.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

GRANDE JORNADA DO 1.º DE MAIO EM LISBOA!

Centenas de milhares de trabalhadores em manifestações!

O Povo de Lisboa luta nas ruas com a polícia

As informações ainda incompletas que chegam ao Avante! permitem-nos desde já afirmar que as manifestações do 1.º de Maio foram uma das maiores jornadas nacionais contra o fascismo. A sucessão de grandes Portos das Juntas Patrióticas, centenas de milhares de portugueses vieram para as ruas enfrentar combativamente a repressão salazarista e levantar de novo com a maior energia as reivindicações populares pela paz em Angola, pela Amnistia, por maiores salários, pela liberdade. Respondendo com as metralhadoras, o governo criminoso de Salazar confiou mais uma vez a um regime condenado a destruição.

Correspondendo aos apelos do Partido, da Junta Patriótica de Lisboa e de muitas outras Juntas Patrióticas locais, o povo de Lisboa levou a cabo no dia 1.º de Maio, uma das maiores e mais combativas manifestações da nossa história. O ambiente em Lisboa ao chegar o 1.º de Maio era de grande tensão e entusiasmo. Toda a gente sabia do apelo para a manifestação, por toda a cidade se comoviam as inscrições, as tarjetas, os manifestos, os cartazes, que em número de cerca de cem mil foram distribuídas semanas distribuídas, lançadas em cinzas, nas ruas, nas praças, aliadas nas paredes, por muitas dezenas de brigadas de agitação.

As companhias móveis da polícia, os esquadrões da Guarda Nacional Republicana e as brigadas da PIDE lançaram-se então sobre a massa do povo para fazer disparar e prender os manifestantes que se dispersaram para as suas lanchetas, estudantes, mulheres, empregados, intelectuais. De momento a metralha, o gás lacrimogénico, os golpes de bastão, as pedras e as balas foram lançadas contra os jovens chegados ao centro da cidade para se defenderem. As manifestações foram duras e a Baixa estava ocupada por mais de 100 mil manifestantes que entraram na zona da Baixa para se defenderem. As manifestações foram duras e a Baixa estava ocupada por mais de 100 mil manifestantes que entraram na zona da Baixa para se defenderem.

“LIBERDADE! PAZ EM ANGOLA!” — clama o povo nas ruas do Porto

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

O massacre de Aljustrel

Em toda a região militar de Aljustrel tem-se vivido nos últimos meses um período de grande agitação e descontentamento. Muitos feitos em Abril várias reuniões amplas onde os trabalhadores discutiram a luta por melhores condições de vida e a comemoração do 1.º de Maio. Quando se realizou, em Maio, as forças da GNR intervieram brutalmente prendendo dois operários que iam com os seus companheiros. Imediatamente se desencadeou um movimento de protesto dos trabalhadores que se recusaram a mais qualquer concessão nas condições de trabalho. Aconteceu pelo povo encontrar-se com a GNR e com as rajadas de metralhadora sobre a multidão, matando dois mineiros e ferindo gravemente mais quatro, entre os quais uma mulher.

O povo de Aljustrel reagiu com a maior indignação ao conhecimento do banditismo da GNR e reagiu o imediato castigo dos culpados.

operários e assalariados agrícolas da região de Lisboa. A onda de repressão que se sucede não tem precedentes. As prisões ficam repletas. Em Vila Franca de Xira e em Lisboa as forças repressivas são obrigadas a meter os grevistas nas praças de touros, depois a lotação nas prisões encerrando as fábricas por trinta dias.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

GRANDE JORNADA DO 1.º DE MAIO EM LISBOA!

Centenas de milhares de trabalhadores em manifestações!

O Povo de Lisboa luta nas ruas com a polícia

As informações ainda incompletas que chegam ao Avante! permitem-nos desde já afirmar que as manifestações do 1.º de Maio foram uma das maiores jornadas nacionais contra o fascismo. A sucessão de grandes Portos das Juntas Patrióticas, centenas de milhares de portugueses vieram para as ruas enfrentar combativamente a repressão salazarista e levantar de novo com a maior energia as reivindicações populares pela paz em Angola, pela Amnistia, por maiores salários, pela liberdade. Respondendo com as metralhadoras, o governo criminoso de Salazar confiou mais uma vez a um regime condenado a destruição.

Correspondendo aos apelos do Partido, da Junta Patriótica de Lisboa e de muitas outras Juntas Patrióticas locais, o povo de Lisboa levou a cabo no dia 1.º de Maio, uma das maiores e mais combativas manifestações da nossa história. O ambiente em Lisboa ao chegar o 1.º de Maio era de grande tensão e entusiasmo. Toda a gente sabia do apelo para a manifestação, por toda a cidade se comoviam as inscrições, as tarjetas, os manifestos, os cartazes, que em número de cerca de cem mil foram distribuídas semanas distribuídas, lançadas em cinzas, nas ruas, nas praças, aliadas nas paredes, por muitas dezenas de brigadas de agitação.

As companhias móveis da polícia, os esquadrões da Guarda Nacional Republicana e as brigadas da PIDE lançaram-se então sobre a massa do povo para fazer disparar e prender os manifestantes que se dispersaram para as suas lanchetas, estudantes, mulheres, empregados, intelectuais. De momento a metralha, o gás lacrimogénico, os golpes de bastão, as pedras e as balas foram lançadas contra os jovens chegados ao centro da cidade para se defenderem. As manifestações foram duras e a Baixa estava ocupada por mais de 100 mil manifestantes que entraram na zona da Baixa para se defenderem. As manifestações foram duras e a Baixa estava ocupada por mais de 100 mil manifestantes que entraram na zona da Baixa para se defenderem.

“LIBERDADE! PAZ EM ANGOLA!” — clama o povo nas ruas do Porto

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

O massacre de Aljustrel

Em toda a região militar de Aljustrel tem-se vivido nos últimos meses um período de grande agitação e descontentamento. Muitos feitos em Abril várias reuniões amplas onde os trabalhadores discutiram a luta por melhores condições de vida e a comemoração do 1.º de Maio. Quando se realizou, em Maio, as forças da GNR intervieram brutalmente prendendo dois operários que iam com os seus companheiros. Imediatamente se desencadeou um movimento de protesto dos trabalhadores que se recusaram a mais qualquer concessão nas condições de trabalho. Aconteceu pelo povo encontrar-se com a GNR e com as rajadas de metralhadora sobre a multidão, matando dois mineiros e ferindo gravemente mais quatro, entre os quais uma mulher.

O povo de Aljustrel reagiu com a maior indignação ao conhecimento do banditismo da GNR e reagiu o imediato castigo dos culpados.

operários e assalariados agrícolas da região de Lisboa. A onda de repressão que se sucede não tem precedentes. As prisões ficam repletas. Em Vila Franca de Xira e em Lisboa as forças repressivas são obrigadas a meter os grevistas nas praças de touros, depois a lotação nas prisões encerrando as fábricas por trinta dias.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

GRANDE JORNADA DO 1.º DE MAIO EM LISBOA!

Centenas de milhares de trabalhadores em manifestações!

O Povo de Lisboa luta nas ruas com a polícia

As informações ainda incompletas que chegam ao Avante! permitem-nos desde já afirmar que as manifestações do 1.º de Maio foram uma das maiores jornadas nacionais contra o fascismo. A sucessão de grandes Portos das Juntas Patrióticas, centenas de milhares de portugueses vieram para as ruas enfrentar combativamente a repressão salazarista e levantar de novo com a maior energia as reivindicações populares pela paz em Angola, pela Amnistia, por maiores salários, pela liberdade. Respondendo com as metralhadoras, o governo criminoso de Salazar confiou mais uma vez a um regime condenado a destruição.

Correspondendo aos apelos do Partido, da Junta Patriótica de Lisboa e de muitas outras Juntas Patrióticas locais, o povo de Lisboa levou a cabo no dia 1.º de Maio, uma das maiores e mais combativas manifestações da nossa história. O ambiente em Lisboa ao chegar o 1.º de Maio era de grande tensão e entusiasmo. Toda a gente sabia do apelo para a manifestação, por toda a cidade se comoviam as inscrições, as tarjetas, os manifestos, os cartazes, que em número de cerca de cem mil foram distribuídas semanas distribuídas, lançadas em cinzas, nas ruas, nas praças, aliadas nas paredes, por muitas dezenas de brigadas de agitação.

As companhias móveis da polícia, os esquadrões da Guarda Nacional Republicana e as brigadas da PIDE lançaram-se então sobre a massa do povo para fazer disparar e prender os manifestantes que se dispersaram para as suas lanchetas, estudantes, mulheres, empregados, intelectuais. De momento a metralha, o gás lacrimogénico, os golpes de bastão, as pedras e as balas foram lançadas contra os jovens chegados ao centro da cidade para se defenderem. As manifestações foram duras e a Baixa estava ocupada por mais de 100 mil manifestantes que entraram na zona da Baixa para se defenderem. As manifestações foram duras e a Baixa estava ocupada por mais de 100 mil manifestantes que entraram na zona da Baixa para se defenderem.

“LIBERDADE! PAZ EM ANGOLA!” — clama o povo nas ruas do Porto

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

O massacre de Aljustrel

Em toda a região militar de Aljustrel tem-se vivido nos últimos meses um período de grande agitação e descontentamento. Muitos feitos em Abril várias reuniões amplas onde os trabalhadores discutiram a luta por melhores condições de vida e a comemoração do 1.º de Maio. Quando se realizou, em Maio, as forças da GNR intervieram brutalmente prendendo dois operários que iam com os seus companheiros. Imediatamente se desencadeou um movimento de protesto dos trabalhadores que se recusaram a mais qualquer concessão nas condições de trabalho. Aconteceu pelo povo encontrar-se com a GNR e com as rajadas de metralhadora sobre a multidão, matando dois mineiros e ferindo gravemente mais quatro, entre os quais uma mulher.

O povo de Aljustrel reagiu com a maior indignação ao conhecimento do banditismo da GNR e reagiu o imediato castigo dos culpados.

operários e assalariados agrícolas da região de Lisboa. A onda de repressão que se sucede não tem precedentes. As prisões ficam repletas. Em Vila Franca de Xira e em Lisboa as forças repressivas são obrigadas a meter os grevistas nas praças de touros, depois a lotação nas prisões encerrando as fábricas por trinta dias.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

Em ALMADA milhares de trabalhadores dirigiram-se para o largo da Misericórdia. Quando se fecharam os portões da prisão, os manifestantes foram duramente espancados.

SAVEMOS O REGRESSO DOS SOLDADOS DE GOA

Se Vem Cruz, o primeiro grupo de soldados que estiveram prisioneiros na Índia, deve chegar a Lisboa por volta do dia 20 de Maio. A seguir a eles chegarão outros grupos de soldados portugueses que se recusaram a morrer por Salazar.

Vem, logo, à sua chegada para os saudar e mostrar que não queremos que eles sejam mortos por Salazar.

PAZ EM ANGOLA! ABAIXO O COLONIALISMO FORA SALAZAR!

capitalista e o fascismo, o 1.º de Maio constituiu um marco na mobilização popular para a batalha pelo pão, pela paz, pela liberdade. Muitos tomaram nestas jornadas de luta. Correu o sangue do povo sob as balas assassinas da repressão. Milhares foram presos no 1.º de Maio ao longo de 48 anos de fascismo. Mas o monstruoso aparelho do regime fascista não logrou impedir que o 1.º de Maio se tornasse uma data memorável na batalha pela democracia. Esse facto é devido à capacidade de organização e mobilização do nosso Partido,



# PROSSEGUIR O TRABALHO DE MASSAS

## Os camaradas Sérgio Vilarigues, Blanqui Teixeira e Carlos Costa analisam eleições para a Assembleia Constituinte e as tarefas imediatas do nosso Partido

Conforme se salienta na nota da Comissão Política do nosso Partido acerca das eleições, estas «constituíram para o povo português uma significativa data na construção do novo Portugal democrático».

O interesse demonstrado pelas massas populares relativamente ao acto eleitoral de 25 de Abril — expresso não só na extraordinária ocorrência às urnas, como também através do interesse com que foi seguida a campanha eleitoral — tornou as eleições um acontecimento político que exige análise e estudo. Análise e estudo necessário, não só para tirar conclusões de um acontecimento que é rico em ensinamentos como também para definir com toda a clareza o trabalho que os comunistas continuam a desenvolver incansavelmente.

Em todas as organizações do Partido se torna indispensável proceder a um estudo aprofundado do trabalho efectuado durante o período eleitoral e enriquecer o conhe-

cimento dos meios onde cada militante actua, através das experiências e dos elementos agora recolhidos.

«Avante!» apresenta hoje um trabalho que pretende ser um auxiliar para essa análise, um trabalho que possa fornecer alguns elementos de carácter geral que sirvam já de base as análises que em cada sector geográfico, em cada sector profissional é necessário fazer.

Para este trabalho, «Avante!» pediu a colaboração de três camaradas do Comité Central do nosso Partido: os camaradas Sérgio Vilarigues, do Secretariado do CC, Blanqui Teixeira e Carlos Costa, todos membros da Comissão Política.

**A compreensão do processo revolucionário**

No essencial, a nota da Comissão Política do CC divulgada no passado domingo, situa já com grande clareza as primeiras conclusões a extrair dos resultados das eleições. Três aspectos surgem com particular importância:

1. — «A votação não traduz, nem de longe, a força do PCP, a sua influência, a sua capacidade de mobilização de massas e o seu papel indispensável na revolução portuguesa»;

2. — «A grande afluência às urnas — por um lado, indica a vontade de amplas massas intervirem na vida política; por outro lado, indica as pressões exercidas tornando a descarga do voto praticamente obrigatória, mesmo para aqueles que não tinham opinião formada»;

3. — «A votação confirmou que a direita reaccionária conta com reduzido apoio de massas. (...) O povo português mostrou não querer opinião formada»;

Finalmente, a nota do CC sublinha ainda:

«Comprovou-se, por votações maciças e fortes percentagens, a implantação do PCP em centros operários e zonas de proletariado rural do Sul. Inversamente, em grandes zonas, as baixas votações do PCP ilustram o legado obscurantista deixado pelo fascismo e confirmam a situação antidemocrática existente, os efeitos da violenta cam-

panha anticomunista e de intrigas e calúnias contra o PCP lançadas por numerosas forças coligadas numa Santa Aliança».

Esta divisão do País salientada neste último passo da nota da Comissão Política assume, efectivamente, uma particular importância: correspondendo à maior votação no PCP nas zonas de maior implantação da classe operária e dos trabalhadores rurais e menor em zonas mais afectadas pela herança fascista — seja sob o ponto de vista económico, seja sob o ponto de vista cultural — o significado dos votos atribuídos aos restantes partidos concorrentes é diferente numa e noutra zona.

Na generalidade, e conforme salientou o camarada Carlos Costa, o significado de toda a votação é muito condicionado pelo facto de ela se ter realizado num período revolucionário, mas num período revolucionário em que as medidas fundamentais foram já tomadas mas ainda

zamos assim substancialmente a votação maciça em moldes de apoio ao processo revolucionário, de apoio ao MFA. Sujeita a pressões reaccionárias, a braços com um processo revolucionário em curso, a esmagadora maioria do eleitorado manifestou-se por um apoio ao conjunto das medidas revolucionárias, por um apoio ao processo revolucionário em si, sem que a votação em alguns partidos significasse claramente o apoio às políticas desses partidos — as mais das vezes demagogicamente apresentadas, mal definidas e assentes numa campanha anticomunista, que desempenhou um papel fulcral em todo o período das eleições.

**A campanha anticomunista**

A respeito da campanha anticomunista, o camarada Blanqui Teixeira salientou, aliás, um aspecto decisivo: na verdade (e como sublinhou igualmente o camarada

Carlos Costa) a campanha contra o nosso Partido foi o elemento dominante das campanhas de quase todos os concorrentes às eleições, desde o CDS e PPD, até aos grupos verbalistas, passando pelo PS e MES. Ora, acrescentou o camarada Blanqui Teixeira, assente no obscurantismo de meio século de fascismo, este elemento comum a todos os partidos acabou por criar um tipo de voto irrelevante sob o ponto de vista de análise da força dos partidos, ou seja «o voto que não é PCP».

Qualquer dos três camaradas com quem falámos foi candidato por distritos extremamente afectados pelo obscurantismo fascista e pelo domínio económico e político dos caciques reaccionários: Beiras e Minho. E todos eles citaram casos gravíssimos e significativos. O camarada Sérgio Vilarigues, por exemplo, citou o caso de uma sessão de esclarecimento no distrito de Viseu onde — como aliás em quase todas em que participou — surgiram perguntas acerca da vida nos países socialistas e nomeadamente sobre a possibilidade de adquirir no mercado normal os artigos usuais de consumo: segundo a propaganda reaccionária na região, na União Soviética tudo é adquirido através de senhas que — já se vê... — são difficilíssimas de obter. O camarada esclareceu a questão, esclareceu que as modificações introduzidas nos países socialistas não assumem tais aspectos e, com grande espanto da assistência, afirmou que, na URSS, existe dinheiro, uma moeda: e foi necessário mostrar uma nota de rublo para que efectivamente os assistentes aceitassem que era verdade o que se afirmava. Também o camarada Blanqui Teixeira narrou o caso de uma militante do Partido que, deslocando-se a uma aldeia da Beira, foi abordada por uma mulher já de idade que lhe pediu que mostrasse um braço; perplexa, a nossa camarada arregaçou a manga, face ao que a interlocutora exclamou: «Mas mentiram-me, afinal é mentira. A menina é magrinha, tem um braço magrinho, mas é um braço como os outros!» E não foi possível esclarecer

o que é que as loucuras da campanha anticomunista haviam propalado acerca dos braços dos militantes comunistas!

Estes e muitos outros casos dão bem a ideia não só das calúnias repugnantes a que a reacção recorre, como também dos graves problemas económicos e culturais que permitem que tão absurdas atoardas tenham algum acolhimento.

Contudo, como sublinhava o camarada Carlos Costa, este aspecto sórdido e primário do anticomunismo acaba por ser responsável por outras acções reaccionárias, estas mais orientadas e graves. Na verdade, o recurso a este tipo de mentira descabelada torna a campanha anticomunista altamente frágil e a mentira mais grave é simultaneamente a mais frágil: basta uma sessão de esclarecimento, um contacto com o povo para se desmascarar. A partir daí, a reacção, os caciques reaccionários, vêem-

se na necessidade de recorrer a uma escalada de violência para impedir fisicamente a presença dos militantes comunistas nas aldeias e nas terras onde semeiam as suas calúnias. Na aldeia onde possivelmente foi dito onde os comunistas tinham uma campanha contra uma das suas peças fundamentais. A campanha anticomunista facilitada pela herança fascista assume assim um claríssimo aspecto contra-revolucionário e, no essencial, a campanha que visa o nosso Partido é integralmente uma campanha que pretende atacar todo o esforço revolucionário iniciado em 25 de Abril de 1974.

**Os votos do PS**

Outro dos aspectos relacionados com o resultado imediato das eleições que não pode ser ignorado é a votação obtida pelo Partido Socialista.

No essencial, parece haver três aspectos a destacar: em primeiro lugar, é evidente que a indefinição de alguns conceitos políticos jogou um papel determinante na opção eleitoral de largas camadas da população.

O problema da palavra socialismo, a indefinição do significado rigoroso do termo e das suas correspondências políticas, desempenha papel importante em todo o mundo e assumiu particular relevância num País onde há um ano era praticamente proibido falar de socialismo.

O carácter socialista assumido pela Revolução Portuguesa, a opção socialista do MFA, impuseram-se e foram claramente aceites pelas massas populares, mas é por demais evidente que se jogou e se jogou na confusão de um termo que se pretende servir para designar sistemas sociais completamente diversos.

A revolução socialista, os êxitos alcançados pelos povos dos países onde já se instaurou um regime socialista, impuseram-se em todo o mundo e são mais amplas massas que a real solução dos seus problemas, como o caminho a seguir para a conquista da felicidade e da paz. E exactamente a força das realizações dos regimes socialistas e a admiração por elas dos povos do mundo que leva o capitalismo a tentar mascarar a sua acção com medidas de

magógicas que, no essencial, mantêm a exploração do homem pelo homem e a propriedade privada dos meios de produção. E, como é óbvio, torna-se ainda mais fácil fazer um uso abusivo da palavra socialismo com fins demagógicos e eleitoralistas.

Em Portugal, naturalmente, não se fugiu a essa situação e o povo português, apesar da repressão fascista e do obscurantismo de séculos, ganha dia a dia uma mais clara consciência de que tem de atalhar decididamente pela via socialista para os portugueses. Tal caminho — como repetidamente o tem afirmado o PCP — é difícil e laborioso, para ele há que ganhar decidida e conscientemente camadas cada vez mais amplas das massas trabalhadoras.

E, como é evidente, trai-se objectivamente a causa da revolução socialista, da construção de um Portugal socialista quando se confundem as massas acerca da realidade

posição negativa face à revolução portuguesa, uma tentativa vã de fazer parar o curso da história.

Naturalmente, estes factos têm de ser tomados de forma relativa, trata-se de uma tendência geral mas que, no essencial, define o carácter complexo e contraditório dos resultados eleitorais do Partido Socialista.

Não pode finalmente deixar de se sublinhar o papel desempenhado — papel extremamente negativo, é evidente — da campanha anticomunista em que o PS participou intensamente, bem como o uso de uma demagogia eleitoralista que encontrou nas dificuldades económicas herdadas do fascismo um terreno propício. Não deixa de ser apreensivo acerca da política do Partido Socialista a forma como se recorreu não só ao insulto e calúnia anticomunista que em nada ficaram atrás dos mais empedernidos caciques locais ultra-reaccionários, como o uso que foi feito de promessas e programas inteiramente irrealistas e demagógicos.

No geral, porém, a nota da Comissão Política situa rigorosamente os resultados das eleições:

«As eleições realizadas são

uma nova e rica experiência. Dado o seu objectivo preciso e limitado — a elaboração da Constituição — e dado o pacto estabelecido entre o MFA e os partidos políticos acerca das orientações gerais da Constituição a elaborar, das eleições não resultaram alterações sensíveis na situação política. O processo revolucionário continua na sua dinâmica própria e original, todas as conquistas alcançadas serão defendidas e mantidas, e as transformações económicas e sociais profundas abrirão caminho ao socialismo».

Finalmente, abordámos com os camaradas os problemas que, após as eleições, se colocam ao nosso Partido.

**As duas componentes e as tarefas do partido**

No essencial, conforme o camarada Alvaro Cunhal afirmou no grandioso comício de encerramento da campanha eleitoral no Estádio 1.º de Maio, com as eleições «o PCP não tem em vista obter condições para rever seja que aspecto for da sua orientação».

As linhas do nosso Partido encontram-se definidas e o PCP assinou com o MFA o pacto que, conforme afirmou

1. As eleições para a Assembleia Constituinte realizadas em 25 de Abril de 1975 constituíram para o povo português uma significativa data na construção do novo Portugal democrático. Pela primeira vez, desde há meio século, foi possível ao povo português votar em liberdade em grande parte do território nacional. O PCP sublinha (em contraste com as violências, as provocações e as ameaças reaccionárias, incluindo a dos grupos esquerdistas) a serenidade e o civismo das massas populares no acto eleitoral.

2. A grande afluência às urnas tem um significado contraditório: por um lado, indica a vontade de amplas massas intervirem na vida política, por outro lado indica as pressões exercidas tornando a descarga do voto praticamente obrigatória, mesmo para aqueles que não tinham opinião formada.

3. O resultado das eleições mostra que o povo português se pronuncia pelo prosseguimento da política democrática e por uma perspectiva socialista, de acordo com a recente plataforma assinada pelo MFA e os partidos políticos. Embora ainda não nitidamente definida tal perspectiva e embora interpretada de maneira diversa, essa acção é partilhada por massas cada vez mais largas da população. Neste sentido, as eleições certificam o que a vida política portuguesa da actualidade tem demonstrado.

4. A votação confirmou que a direita reaccionária conta com reduzido apoio de massas. Apesar da prática inexistência de liberdade em vastas regiões, situação para a qual o PCP muitas vezes chamou a atenção, que permitiu votações num regime de coacção e apesar de procurar encobrir-se em partidos que se afirmam democráticos, a direita reaccionária conseguiu modestos resultados. O povo português mostrou não querer regressar ao fascismo.

5. Comprovou-se, por votações maciças e fortes percentagens, a implantação do PCP em centros operários e zonas do proletariado rural do Sul. Inversamente, em grandes zonas, as baixas votações no PCP ilustram o legado obscurantista deixado pelo fascismo e confirmam a situação antidemocrática existente, os efeitos da violenta campanha anticomunista e de intrigas e calúnias contra o PCP lançadas por numerosas forças coligadas numa «Santa Aliança» utilizando amplos meios incluindo a televisão, a pressão da hierarquia, do Vaticano e de círculos estrangeiros ingerindo-se nas eleições portuguesas e um ambiente de inquietação e de boatos acerca de um iminente golpe da direita no caso de o PCP alcançar alta votação. Toda essa campanha não podia deixar de exercer influência nos resultados.

6. E também de sublinhar que na sua actividade revolucionária o PCP é absolutamente contrário à utilização da demagogia e não tem temido esclarecer situações e tomar atitudes menos populares sempre que isso é exigido pela defesa da situação democrática e pelo interesse do processo revolucionário. A demagogia e o apelo à facilidade poderão dar votos. Acima da preocupação de obter votos, o PCP sempre actuou, inclusive na campanha eleitoral, com o sentido da responsabilidade exigida pelo seu papel na defesa da situação política e na construção do novo Portugal democrático. Seria um erro pensar que o voto é a única medida da força e influência dos partidos. A votação não traduz, nem de longe, a força do PCP, a sua influência, a sua capacidade de mobilização de massas e o seu papel indispensável na Revolução portuguesa.

7. As eleições realizadas são uma nova e rica experiência. Dado o seu objectivo preciso e limitado — a elaboração da Constituição — e dado o pacto estabelecido entre o MFA e os partidos políticos acerca das orientações gerais da Constituição a elaborar, das eleições não resultaram alterações sensíveis na situação política. O processo revolucionário continua na sua dinâmica própria original, todas as conquistas alcançadas serão defendidas e mantidas, e as transformações económicas e sociais profundas abrirão caminho para o socialismo. A frente das massas trabalhadoras, considerando a aliança Povo-MFA a garantia da liberdade e a força motora da revolução, o PCP continuará cumprindo os seus deveres de vanguarda revolucionária da classe operária e do povo trabalhador.

26.4.75

A COMISSÃO POLITICA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



## SOBRE AS ELEIÇÕES

1. As eleições para a Assembleia Constituinte realizadas em 25 de Abril de 1975 constituíram para o povo português uma significativa data na construção do novo Portugal democrático. Pela primeira vez, desde há meio século, foi possível ao povo português votar em liberdade em grande parte do território nacional. O PCP sublinha (em contraste com as violências, as provocações e as ameaças reaccionárias, incluindo a dos grupos esquerdistas) a serenidade e o civismo das massas populares no acto eleitoral.

2. A grande afluência às urnas tem um significado contraditório: por um lado, indica a vontade de amplas massas intervirem na vida política, por outro lado indica as pressões exercidas tornando a descarga do voto praticamente obrigatória, mesmo para aqueles que não tinham opinião formada.

3. O resultado das eleições mostra que o povo português se pronuncia pelo prosseguimento da política democrática e por uma perspectiva socialista, de acordo com a recente plataforma assinada pelo MFA e os partidos políticos. Embora ainda não nitidamente definida tal perspectiva e embora interpretada de maneira diversa, essa acção é partilhada por massas cada vez mais largas da população. Neste sentido, as eleições certificam o que a vida política portuguesa da actualidade tem demonstrado.

4. A votação confirmou que a direita reaccionária conta com reduzido apoio de massas. Apesar da prática inexistência de liberdade em vastas regiões, situação para a qual o PCP muitas vezes chamou a atenção, que permitiu votações num regime de coacção e apesar de procurar encobrir-se em partidos que se afirmam democráticos, a direita reaccionária conseguiu modestos resultados. O povo português mostrou não querer regressar ao fascismo.

5. Comprovou-se, por votações maciças e fortes percentagens, a implantação do PCP em centros operários e zonas do proletariado rural do Sul. Inversamente, em grandes zonas, as baixas votações no PCP ilustram o legado obscurantista deixado pelo fascismo e confirmam a situação antidemocrática existente, os efeitos da violenta campanha anticomunista e de intrigas e calúnias contra o PCP lançadas por numerosas forças coligadas numa «Santa Aliança» utilizando amplos meios incluindo a televisão, a pressão da hierarquia, do Vaticano e de círculos estrangeiros ingerindo-se nas eleições portuguesas e um ambiente de inquietação e de boatos acerca de um iminente golpe da direita no caso de o PCP alcançar alta votação. Toda essa campanha não podia deixar de exercer influência nos resultados.

6. E também de sublinhar que na sua actividade revolucionária o PCP é absolutamente contrário à utilização da demagogia e não tem temido esclarecer situações e tomar atitudes menos populares sempre que isso é exigido pela defesa da situação democrática e pelo interesse do processo revolucionário. A demagogia e o apelo à facilidade poderão dar votos. Acima da preocupação de obter votos, o PCP sempre actuou, inclusive na campanha eleitoral, com o sentido da responsabilidade exigida pelo seu papel na defesa da situação política e na construção do novo Portugal democrático. Seria um erro pensar que o voto é a única medida da força e influência dos partidos. A votação não traduz, nem de longe, a força do PCP, a sua influência, a sua capacidade de mobilização de massas e o seu papel indispensável na Revolução portuguesa.

7. As eleições realizadas são uma nova e rica experiência. Dado o seu objectivo preciso e limitado — a elaboração da Constituição — e dado o pacto estabelecido entre o MFA e os partidos políticos acerca das orientações gerais da Constituição a elaborar, das eleições não resultaram alterações sensíveis na situação política. O processo revolucionário continua na sua dinâmica própria original, todas as conquistas alcançadas serão defendidas e mantidas, e as transformações económicas e sociais profundas abrirão caminho para o socialismo. A frente das massas trabalhadoras, considerando a aliança Povo-MFA a garantia da liberdade e a força motora da revolução, o PCP continuará cumprindo os seus deveres de vanguarda revolucionária da classe operária e do povo trabalhador.

26.4.75

A COMISSÃO POLITICA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



também o camarada Álvaro Cunhal, cumprirá fielmente.

É necessário, porém, verificar que o período de intensa actividade política que foi a campanha eleitoral, bem como os próprios resultados das eleições, trouxeram elementos concretos ao trabalho do nosso Partido, que é necessário analisar cuidadosamente.

Antes de mais nada — afirma o camarada Blanqui Teixeira — é indispensável que, no seguimento da intensa actividade deste período, se efectue em todas as organizações do Partido um grande esforço de análise virada para a prática e em que, simultaneamente, se esclareça mais intensamente a linha política do nosso Partido através da sua aplicação prática às realidades actuais e à experiência do trabalho eleitoral.

O camarada Blanqui Teixeira sublinhou a necessidade da clara compreensão do papel desempenhado no processo revolucionário português pelas duas componentes que o integram, isto é, o MFA e o movimento popular de massas. Independentemente dos resultados das eleições, a campanha eleitoral que se precedeu — sublinhou o camarada Blanqui Teixeira — foi um importantíssimo elemento de dinamização da componente popular do processo revolucionário e os resultados não podem afectar a unidade e estruturação dessa componente popular cujo fortalecimento é igualmente indispensável para o reforço da aliança com a componente MFA. Ora, ao verificar-se que a esmagadora maioria do povo português deu o seu apoio às forças progressistas, que dos resultados das eleições resulta um claro apoio ao MFA, que os partidos signatários do pacto com o MFA obtiveram a grande maioria dos sufrágios, isto significa que as massas populares — base do movimento popular de massas — afirmaram-se e afirmaram inequivocamente o seu apoio ao processo revolucionário.

É a partir destes factos que os resultados têm de ser analisados e ao nosso Partido, elemento decisivo da componente popular do processo revolucionário, abrem-se largas perspectivas de acção e reforço.

Antes de mais nada — afirma o camarada Blanqui Teixeira — é indispensável que, no seguimento da intensa actividade deste período, se efectue em todas as organizações do Partido um grande esforço de análise virada para a prática e em que, simultaneamente, se esclareça mais intensamente a linha política do nosso Partido através da sua aplicação prática às realidades actuais e à experiência do trabalho eleitoral.

**Combater o sectarismo e alargar a organização**

Por outro lado, o camarada Blanqui Teixeira assinalou a necessidade de desde já incentivar o reforço da organização, tendo em conta não só o alargamento conseguido ao longo da campanha eleitoral como também a necessidade de combater problemas de sectarismo.

Na realidade, a intensa campanha de esclarecimento conduzida pelo nosso Partido rasgou em numerosos locais possibilidades de alargar as estruturas e de enquadrar as numerosas adesões que se verificaram. É indispensável ter em consideração que os novos militantes que chegam ao Partido, ganhos para a luta através da acção política do período eleitoral, têm necessidade de ser imediatamente enquadrados e de imediatamente se estruturarem as organizações que tornem inteiramente produtiva a adesão dos novos camaradas e constituam para eles a escola prática da acção militante na qual se forjam os militantes comunistas.

Os camaradas Blanqui Teixeira e Sérgio Vilarigues sublinharam cuidadosamente os perigos que a intensa campanha anticomunista desencadeada durante a campanha criou no sentido de levar as organizações do Partido que trabalham em regiões mais difíceis a fecharem-se sobre si próprias face às dificuldades que as rodeiam.

Em zonas do interior e do Norte, onde a acção dos círculos reaccionários atingiu a perseguição e a agressão, onde a calúnia contra o nosso Partido recorreu a todo o arsenal mais torpe, colocam-se efectivamente problemas graves às organizações e aos militantes que face às dificuldades podem ser levados a fechar a organização, a evitar o contacto com as massas frequentemente manipuladas pela reacção.

É indispensável fortalecer — afirmou o camarada Blanqui Teixeira — o esforço de consciencialização e de mobilização e exactamente nos locais onde a reacção tenta usar o obscurantismo e impedir o prosseguir e desenvolver o esforço de esclarecimento e de organização, combatendo a campanha anticomunista e alargando as estruturas unitárias de acção concreta — ligas de camponeses, autarquias, comissões de moradores, reuniões de concelho, etc.

É exactamente nas zonas em que a reacção dispõe ainda de força que aos comunistas, vanguarda organizada da classe operária, se colocam tarefas inadiáveis do fortalecimento do movimento popular de massas e, como sublinhava o camarada Blanqui Teixeira, a força das organizações do Partido não se mede apenas pelo número de militantes que as integram, mas fundamentalmente pela influência que têm. Nessas regiões difíceis, as organizações do Partido têm de alargar a sua acção virada para as massas, aumentando cada vez mais a sua influência e ganhando cada vez mais portugueses para o processo revolucionário, para a construção de uma democracia rumo ao socialismo. Dificuldades de recrutamento, de alargamento da própria organização do Partido não são incompatíveis com uma grande acção revolucionária: o processo da revolução portuguesa abre possibilidades de integração — exige-se mesmo muito mais, em estruturas de massas que é necessário robustecer e onde a acção dos comunistas é decisiva. Ir até às massas, fortalecer as organizações de massas como sindicatos, ligas, colectividades, assembleias de moradores, etc. são tudo vastas formas de acção nas quais os militantes comunistas têm de estar, recusando o sectarismo de fecharem as organizações do Partido face às dificuldades levantadas pela reacção.

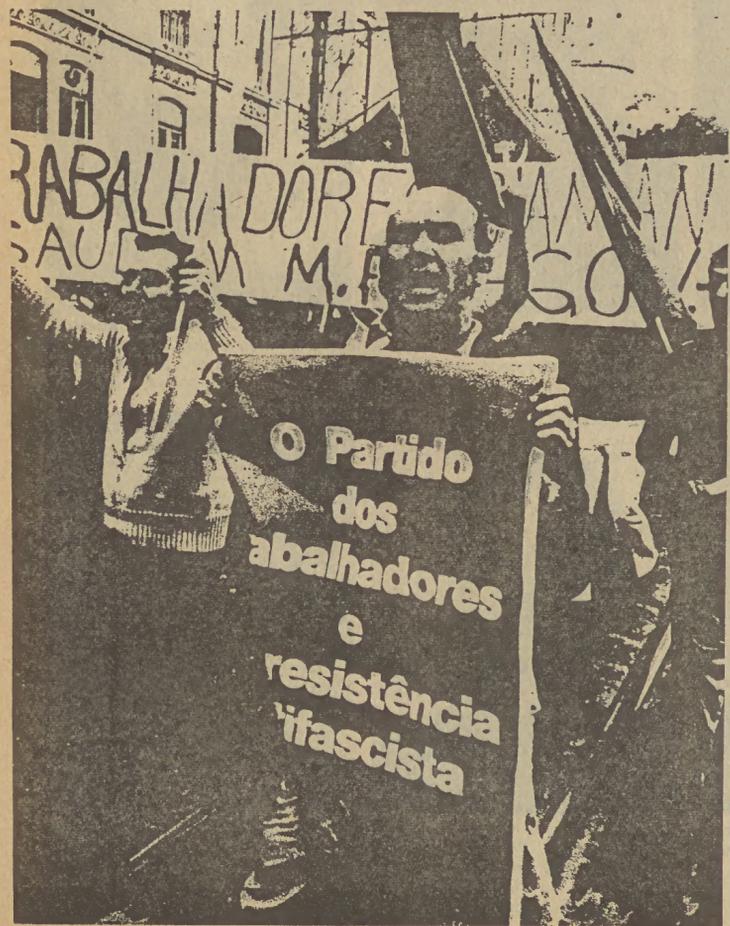
O camarada Sérgio Vilarigues apontou a necessidade de em algumas regiões — exactamente as mais politizadas e aquelas onde a implantação do nosso Partido é mais forte — combater igualmente tendências sectárias, estas provenientes da situação contrária, ou seja: a força da organização do Partido conduzir à falsa ideia de que ela só por si chega, esquecendo a necessidade de alargar ainda e sempre a acção dos comunistas. Por outro lado, é igualmente imprescindível estar atento — destacou o camarada Vilarigues — aos perigos de uma situação de grande força do nosso Partido fazer esquecer a complexidade do processo revolucionário, as dificuldades que ele defronta noutras zonas, conduzindo assim a posições que, aliás, se verificaram já no decorrer da campanha, quando em algumas regiões as organizações do Partido manifestaram certa tendência para avançarem no seu trabalho e em palavras de ordem, esquecendo a necessidade de fazer acompanhar cada passo dado numa região com um correcto enquadramento com o processo revolucionário tomado no seu todo.

Os camaradas Vilarigues e Carlos Costa apontaram, finalmente, a necessidade de fazer acompanhar todo este trabalho decididamente voltado para as massas, este trabalho de organização do movimento popular de massas, por uma permanente procura de formas de acção unitária com todas as forças verdadeiramente interessadas no progresso da revolução portuguesa. Em cada etapa da luta e do trabalho — destacaram — é necessário encontrar formas de aliar ao trabalho virado para as massas as organizações políticas, os partidos, que queiram realmente participar no processo revolucionário.

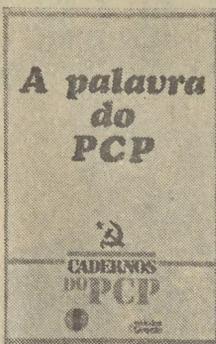
É efectivamente necessário alargar o trabalho nas estruturas de massas, mantendo uma grande vigilância contra tendências, que os resultados eleitorais podem fazer surgir, de sabotagens inconscientes mais objectivas do processo revolucionário. Os militantes comunistas têm de reforçar a sua organização, a sua análise da linha do Partido de forma a estarem em condições de em todas as circunstâncias nas empresas, nos campos, nos sindicatos, nas organizações unitárias ganharem as massas para acções quotidianas de apoio ao processo revolucionário e de ganharem as massas para a recusa de suas aventureiristas de reivindicações irreais que mascaram objectivas formas de sabotagem do processo revolucionário e comprometem a unidade do movimento popular de massas e a unidade do movimento popular de massas com o MFA.

Conforme afirmou o camarada Álvaro Cunhal no Estádio 1.º de Maio, a «nostra vontade de unidade não deve porém conduzir a ilusões. A unidade não pode ser compreendida como uma manobra, segundo a qual se faz campanha contra os comunistas para ganhar votos à direita e se fala a favor da unidade com os comunistas para ganhar votos à esquerda».

A unidade e a cooperação têm de significar acordo quanto a objectivos, a tarefas e à acção. A par do MFA, a classe operária e as massas populares têm representado um papel determinante no processo revolucionário. Com a liquidação do poder dos monopólios e latifúndios, com o avanço do processo revolucionário, com a criação de um grande sector estatal da indústria, dos transportes e do comércio, com a Reforma Agrária, com a reforma cultural que se impõe a breve prazo, cada dia será mais decisiva a intervenção combativa, confiante, organizada e criadora dos trabalhadores e das massas populares na construção do novo Portugal democrático, a caminho do socialismo.



# EDIÇÕES «AVANTE!»



Entre as actividades que traduzem o empenhamento do PCP em esclarecer e mobilizar as amplas massas populares para o combate à reacção, para a luta pela Liberdade e pelo Socialismo, conta-se a realização de centenas e centenas de comícios.

No terreno fértil que o 25 de Abril abriu, a PALAVRA DO PCP tem percorrido todo o País, interpretando o evoluir da situação política, indicando as tarefas que se impõem para a luta pela liberdade e pelo Socialismo, o caminho a trilhar para novas conquistas. E a história tem demonstrado que não têm sido palavras lançadas ao vento!

Elas têm calado fundo no coração e na consciência de milhões de portugueses que, sempre em maior número, acorrem a escutas-las.

As Edições «Avante!» mais uma vez se associam a essa gigantesca tarefa de levar a PALAVRA DO PCP lá onde existe um português honesto para o ouvir.

Nesta antologia reunimos, por ordem cronológica, alguns discursos de camaradas do CC do PCP em comícios. Daqueles de que nos chegou o texto escrito, e na impossibilidade de os transcrever a todos, seleccionámos os que melhor nos pareceram dar conta da evolução dos acontecimentos políticos. Estes discursos são assim uma retrospectiva, ou melhor, um retrato da revolução portuguesa que importa ter bem presente para os combates futuros.

Capitalismo e colonialismo são o passado da humanidade. Nos nossos dias, o socialismo e o comunismo tornaram-se uma força invencível, uma sociedade real em construção numa vasta extensão do Globo. As ideias do socialismo e comunismo científico vão ganhando sempre mais adeptos em todos os continentes.

Na unidade de todas as forças revolucionárias, anti-imperialistas, dos países da comunidade socialista, dos povos da Ásia, da África e da América Latina, da classe operária e dos trabalhadores de todo o mundo, na sua coesão sob a bandeira do marxismo-leninismo, do socialismo e comunismo científico dos nossos dias, se encontra a garantia da vitória final e decisiva.

O mundo novo não vem espontaneamente à existência. É gerado na dor, numa luta cruel com as forças do passado. Mas as forças que trazem ao mundo a renovação revolucionária são invencíveis. O sistema de exploração capitalista, historicamente ultrapassado e condenado pelo seu próprio desenvolvimento, deve necessariamente abandonar a arena da história. O seu desaparecimento é inevitável. Todos os países, todos os povos virão ao socialismo tão necessariamente como se sucedem as estações, como o dia sucede à noite.

«A vitória é difícil, mas é nossa.»

A história da actividade revolucionária dos comunistas portugueses está cheia de muitos e gloriosos exemplos de firmeza política, de dedicação e abnegação sem limites à causa da classe operária e do povo português.

Sujeitos às maiores torturas policiais por parte da PIDE — bárbaros espancamentos, tortura de «estátuas», tortura do «sono» e toda a espécie de torturas morais — centenas e centenas de militantes comunistas submeram portar-se dignamente, recusando-se a prestar quaisquer declarações aos inimigos do nosso povo. Muitos deles, tais como MILITÃO RIBEIRO, ALFREDO DINIS, FERREIRA MARQUES, FERREIRA SOARES, AUGUSTO MARTINS, GERMANO VIDIGAL, JOSÉ MOREIRA, DIAS COELHO e tantos outros, pagaram com a própria vida a sua firme conduta de comunistas. Todos eles foram friamente assassinados pela PIDE ao serem presos ou após longos dias de tortura.

Juntamente com a PIDE, os Tribunais Plenários de Lisboa e Porto constituíram uma parte essencial do aparelho repressivo em que o regime fascista se apoiava para reprimir o povo português. Nos Tribunais Plenários, os juizes não decidiam de acordo com qualquer lei que garantisse os direitos dos cidadãos, mas seguiam as directrizes e instruções do governo fascista e da própria polícia. Davam uma cobertura legal ao regime de violência e aos crimes da PIDE.

Ao intervir perante tais tribunais, embora sem reconhecerem a sua legalidade, enfrentando mil e umas dificuldades e obstruções sistemáticas, os comunistas tinham em vista a denúncia dos crimes e da ilegalidade do regime em que a existência desses mesmos tribunais se inscrevia, a denúncia das torturas e crimes da PIDE, a denúncia da ruína política económica do governo, a denúncia da guerra colonial. Ao mesmo tempo expunham e defendiam a linha política do Partido.

Na presente publicação apenas se dão a conhecer alguns exemplos desta firme conduta por parte de camaradas que foram torturados e encarcerados longos anos nas masmorras fascistas. E que, quanto

tempo seria preciso para reunir-nos todas as defesas dos comunistas portugueses que ergueram a sua voz nos tribunais fascistas?! E quantos volumes seriam necessários para as transcrever?!

Por isso, apenas incluímos aqui as defesas a cujos originais tivemos mais fácil e rápido acesso. Julgamos no entanto que elas são bem representativas do Partido dos trabalhadores e da resistência antifascista.

desenvolvimento não capitalista, o problema da passagem ao socialismo é um dos mais actuais.

início em Portugal a uma nova forma de divulgação de obras literárias de valor.

Pela Madrugada é uma história vivida vezes sem conta no meio século de perseguições, torturas e prisões a que foram submetidos os melhores filhos do povo português. O autor literário é seguramente um antigo funcionário clandestino do Partido Comunista Português (cujo nome não foi possível por enquanto averiguar) e que por essa razão se encontrava entre aqueles que com mais firmeza, abnegação e sacrifício resistiram à opressão fascista e lutaram pela liberdade e pelo povo português.

«Os ideólogos burgueses, e com eles os revisionistas de direita e de esquerda», tentam falsificar o conteúdo ideológico, político, económico e social da democracia socialista. A democracia burguesa apresenta-se a si própria como uma «democracia pura». Esta concepção é seguidamente adaptada às diversas condições históricas concretas. Para eles não é a participação das vastas massas do povo trabalhador na direcção do Estado e da sociedade, não é a conformidade da política interna e externa do país com os interesses dos trabalhadores, nem o alargamento, que daí deriva, da actividade criadora do povo em todos os domínios da vida social, mas sim os índices formais que identificam a democracia com os seus aspectos externos e jurídicos, que são considerados como critério de carácter democrático da organização política da sociedade.»

«Fecharam os telhais. Com os prenúncios do Outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arripio de águas e de corpos.» Assim começa, directo e incisivo, o romance: e estas imagens logo nos anunciam o que será a existência das crianças, o seu desolamento explorado, o estalar dos seus sonhos infantis contra a cinzenta opressão da sociedade capitalista.

A obra de Soeiro Pereira Gomes nasceu do seu empenhamento na luta ao lado dos trabalhadores, de todos os explorados. Nasceu da sua militância no Partido, ao qual consagrou por completo a vida. A beleza dessa obra, o seu rigor, a sua força mobilizadora que convidam à solidariedade e à luta os que a lêem, são fruto, em grande parte, de tal empenhamento e da militância. Por isso é uma obra de liberdade e libertadora.

Na presente antologia, expressão da luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Democracia e pelo Socialismo conduzida pelo Partido Comunista Português no período que vai de Janeiro de 1965, ano em que se realizou o VI Congresso do Partido, até ao 25 de Abril, não se incluíram todos os documentos publicados pelo Comité Central durante este período.

Na verdade, o volume dos materiais a recolher e as condições ainda precárias do nosso trabalho não nos permitiram uma edição completa. No entanto, a documentação que aqui se encontra coligida permite acompanhar, no essencial, a análise que o Partido ia fazendo da evolução da situação política, das suas contradições e perspectivas, da luta por ela impulsionada e dirigida como vanguarda organizada da classe operária e verdadeiro representante do interesse nacional.

Essa luta, que imprimiu profundamente a sua marca nestes 9 anos de história do nosso Povo, dá a . textos aqui reunidos, para além do seu interesse político, um alto valor histórico. A história do povo português, e nomeadamente da sua força mais revolucionária — a classe operária —, é inseparável da história do Partido Comunista Português.

Os documentos que apresentamos, resultantes de um amplo trabalho colectivo ao nível da direcção, trabalho exercido sobre as informações e análises dos militantes do Partido, a todos os níveis, e veiculadas através da sua organização à escala nacional — são ainda testemunho da capacidade de direcção política do nosso Partido, possibilitada pela sua larga experiência de luta — pela sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

«Fecharam os telhais. Com os prenúncios do Outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arripio de águas e de corpos.» Assim começa, directo e incisivo, o romance: e estas imagens logo nos anunciam o que será a existência das crianças, o seu desolamento explorado, o estalar dos seus sonhos infantis contra a cinzenta opressão da sociedade capitalista.

A obra de Soeiro Pereira Gomes nasceu do seu empenhamento na luta ao lado dos trabalhadores, de todos os explorados. Nasceu da sua militância no Partido, ao qual consagrou por completo a vida. A beleza dessa obra, o seu rigor, a sua força mobilizadora que convidam à solidariedade e à luta os que a lêem, são fruto, em grande parte, de tal empenhamento e da militância. Por isso é uma obra de liberdade e libertadora.

Na presente antologia, expressão da luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Democracia e pelo Socialismo conduzida pelo Partido Comunista Português no período que vai de Janeiro de 1965, ano em que se realizou o VI Congresso do Partido, até ao 25 de Abril, não se incluíram todos os documentos publicados pelo Comité Central durante este período.

desenvolvimento não capitalista, o problema da passagem ao socialismo é um dos mais actuais.

início em Portugal a uma nova forma de divulgação de obras literárias de valor.

Pela Madrugada é uma história vivida vezes sem conta no meio século de perseguições, torturas e prisões a que foram submetidos os melhores filhos do povo português. O autor literário é seguramente um antigo funcionário clandestino do Partido Comunista Português (cujo nome não foi possível por enquanto averiguar) e que por essa razão se encontrava entre aqueles que com mais firmeza, abnegação e sacrifício resistiram à opressão fascista e lutaram pela liberdade e pelo povo português.

«Os ideólogos burgueses, e com eles os revisionistas de direita e de esquerda», tentam falsificar o conteúdo ideológico, político, económico e social da democracia socialista. A democracia burguesa apresenta-se a si própria como uma «democracia pura». Esta concepção é seguidamente adaptada às diversas condições históricas concretas. Para eles não é a participação das vastas massas do povo trabalhador na direcção do Estado e da sociedade, não é a conformidade da política interna e externa do país com os interesses dos trabalhadores, nem o alargamento, que daí deriva, da actividade criadora do povo em todos os domínios da vida social, mas sim os índices formais que identificam a democracia com os seus aspectos externos e jurídicos, que são considerados como critério de carácter democrático da organização política da sociedade.»

«Fecharam os telhais. Com os prenúncios do Outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arripio de águas e de corpos.» Assim começa, directo e incisivo, o romance: e estas imagens logo nos anunciam o que será a existência das crianças, o seu desolamento explorado, o estalar dos seus sonhos infantis contra a cinzenta opressão da sociedade capitalista.

A obra de Soeiro Pereira Gomes nasceu do seu empenhamento na luta ao lado dos trabalhadores, de todos os explorados. Nasceu da sua militância no Partido, ao qual consagrou por completo a vida. A beleza dessa obra, o seu rigor, a sua força mobilizadora que convidam à solidariedade e à luta os que a lêem, são fruto, em grande parte, de tal empenhamento e da militância. Por isso é uma obra de liberdade e libertadora.

Na presente antologia, expressão da luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Democracia e pelo Socialismo conduzida pelo Partido Comunista Português no período que vai de Janeiro de 1965, ano em que se realizou o VI Congresso do Partido, até ao 25 de Abril, não se incluíram todos os documentos publicados pelo Comité Central durante este período.

Na verdade, o volume dos materiais a recolher e as condições ainda precárias do nosso trabalho não nos permitiram uma edição completa. No entanto, a documentação que aqui se encontra coligida permite acompanhar, no essencial, a análise que o Partido ia fazendo da evolução da situação política, das suas contradições e perspectivas, da luta por ela impulsionada e dirigida como vanguarda organizada da classe operária e verdadeiro representante do interesse nacional.

Essa luta, que imprimiu profundamente a sua marca nestes 9 anos de história do nosso Povo, dá a . textos aqui reunidos, para além do seu interesse político, um alto valor histórico. A história do povo português, e nomeadamente da sua força mais revolucionária — a classe operária —, é inseparável da história do Partido Comunista Português.

Os documentos que apresentamos, resultantes de um amplo trabalho colectivo ao nível da direcção, trabalho exercido sobre as informações e análises dos militantes do Partido, a todos os níveis, e veiculadas através da sua organização à escala nacional — são ainda testemunho da capacidade de direcção política do nosso Partido, possibilitada pela sua larga experiência de luta — pela sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

«Fecharam os telhais. Com os prenúncios do Outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arripio de águas e de corpos.» Assim começa, directo e incisivo, o romance: e estas imagens logo nos anunciam o que será a existência das crianças, o seu desolamento explorado, o estalar dos seus sonhos infantis contra a cinzenta opressão da sociedade capitalista.

A obra de Soeiro Pereira Gomes nasceu do seu empenhamento na luta ao lado dos trabalhadores, de todos os explorados. Nasceu da sua militância no Partido, ao qual consagrou por completo a vida. A beleza dessa obra, o seu rigor, a sua força mobilizadora que convidam à solidariedade e à luta os que a lêem, são fruto, em grande parte, de tal empenhamento e da militância. Por isso é uma obra de liberdade e libertadora.

Na presente antologia, expressão da luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Democracia e pelo Socialismo conduzida pelo Partido Comunista Português no período que vai de Janeiro de 1965, ano em que se realizou o VI Congresso do Partido, até ao 25 de Abril, não se incluíram todos os documentos publicados pelo Comité Central durante este período.

Na verdade, o volume dos materiais a recolher e as condições ainda precárias do nosso trabalho não nos permitiram uma edição completa. No entanto, a documentação que aqui se encontra coligida permite acompanhar, no essencial, a análise que o Partido ia fazendo da evolução da situação política, das suas contradições e perspectivas, da luta por ela impulsionada e dirigida como vanguarda organizada da classe operária e verdadeiro representante do interesse nacional.

Essa luta, que imprimiu profundamente a sua marca nestes 9 anos de história do nosso Povo, dá a . textos aqui reunidos, para além do seu interesse político, um alto valor histórico. A história do povo português, e nomeadamente da sua força mais revolucionária — a classe operária —, é inseparável da história do Partido Comunista Português.

Os documentos que apresentamos, resultantes de um amplo trabalho colectivo ao nível da direcção, trabalho exercido sobre as informações e análises dos militantes do Partido, a todos os níveis, e veiculadas através da sua organização à escala nacional — são ainda testemunho da capacidade de direcção política do nosso Partido, possibilitada pela sua larga experiência de luta — pela sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

desenvolvimento não capitalista, o problema da passagem ao socialismo é um dos mais actuais.

início em Portugal a uma nova forma de divulgação de obras literárias de valor.

Pela Madrugada é uma história vivida vezes sem conta no meio século de perseguições, torturas e prisões a que foram submetidos os melhores filhos do povo português. O autor literário é seguramente um antigo funcionário clandestino do Partido Comunista Português (cujo nome não foi possível por enquanto averiguar) e que por essa razão se encontrava entre aqueles que com mais firmeza, abnegação e sacrifício resistiram à opressão fascista e lutaram pela liberdade e pelo povo português.

«Os ideólogos burgueses, e com eles os revisionistas de direita e de esquerda», tentam falsificar o conteúdo ideológico, político, económico e social da democracia socialista. A democracia burguesa apresenta-se a si própria como uma «democracia pura». Esta concepção é seguidamente adaptada às diversas condições históricas concretas. Para eles não é a participação das vastas massas do povo trabalhador na direcção do Estado e da sociedade, não é a conformidade da política interna e externa do país com os interesses dos trabalhadores, nem o alargamento, que daí deriva, da actividade criadora do povo em todos os domínios da vida social, mas sim os índices formais que identificam a democracia com os seus aspectos externos e jurídicos, que são considerados como critério de carácter democrático da organização política da sociedade.»

«Fecharam os telhais. Com os prenúncios do Outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arripio de águas e de corpos.» Assim começa, directo e incisivo, o romance: e estas imagens logo nos anunciam o que será a existência das crianças, o seu desolamento explorado, o estalar dos seus sonhos infantis contra a cinzenta opressão da sociedade capitalista.

A obra de Soeiro Pereira Gomes nasceu do seu empenhamento na luta ao lado dos trabalhadores, de todos os explorados. Nasceu da sua militância no Partido, ao qual consagrou por completo a vida. A beleza dessa obra, o seu rigor, a sua força mobilizadora que convidam à solidariedade e à luta os que a lêem, são fruto, em grande parte, de tal empenhamento e da militância. Por isso é uma obra de liberdade e libertadora.

Na presente antologia, expressão da luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Democracia e pelo Socialismo conduzida pelo Partido Comunista Português no período que vai de Janeiro de 1965, ano em que se realizou o VI Congresso do Partido, até ao 25 de Abril, não se incluíram todos os documentos publicados pelo Comité Central durante este período.

Na verdade, o volume dos materiais a recolher e as condições ainda precárias do nosso trabalho não nos permitiram uma edição completa. No entanto, a documentação que aqui se encontra coligida permite acompanhar, no essencial, a análise que o Partido ia fazendo da evolução da situação política, das suas contradições e perspectivas, da luta por ela impulsionada e dirigida como vanguarda organizada da classe operária e verdadeiro representante do interesse nacional.

Essa luta, que imprimiu profundamente a sua marca nestes 9 anos de história do nosso Povo, dá a . textos aqui reunidos, para além do seu interesse político, um alto valor histórico. A história do povo português, e nomeadamente da sua força mais revolucionária — a classe operária —, é inseparável da história do Partido Comunista Português.

Os documentos que apresentamos, resultantes de um amplo trabalho colectivo ao nível da direcção, trabalho exercido sobre as informações e análises dos militantes do Partido, a todos os níveis, e veiculadas através da sua organização à escala nacional — são ainda testemunho da capacidade de direcção política do nosso Partido, possibilitada pela sua larga experiência de luta — pela sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

«Fecharam os telhais. Com os prenúncios do Outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arripio de águas e de corpos.» Assim começa, directo e incisivo, o romance: e estas imagens logo nos anunciam o que será a existência das crianças, o seu desolamento explorado, o estalar dos seus sonhos infantis contra a cinzenta opressão da sociedade capitalista.

A obra de Soeiro Pereira Gomes nasceu do seu empenhamento na luta ao lado dos trabalhadores, de todos os explorados. Nasceu da sua militância no Partido, ao qual consagrou por completo a vida. A beleza dessa obra, o seu rigor, a sua força mobilizadora que convidam à solidariedade e à luta os que a lêem, são fruto, em grande parte, de tal empenhamento e da militância. Por isso é uma obra de liberdade e libertadora.

Na presente antologia, expressão da luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Democracia e pelo Socialismo conduzida pelo Partido Comunista Português no período que vai de Janeiro de 1965, ano em que se realizou o VI Congresso do Partido, até ao 25 de Abril, não se incluíram todos os documentos publicados pelo Comité Central durante este período.

Na verdade, o volume dos materiais a recolher e as condições ainda precárias do nosso trabalho não nos permitiram uma edição completa. No entanto, a documentação que aqui se encontra coligida permite acompanhar, no essencial, a análise que o Partido ia fazendo da evolução da situação política, das suas contradições e perspectivas, da luta por ela impulsionada e dirigida como vanguarda organizada da classe operária e verdadeiro representante do interesse nacional.

Essa luta, que imprimiu profundamente a sua marca nestes 9 anos de história do nosso Povo, dá a . textos aqui reunidos, para além do seu interesse político, um alto valor histórico. A história do povo português, e nomeadamente da sua força mais revolucionária — a classe operária —, é inseparável da história do Partido Comunista Português.

Os documentos que apresentamos, resultantes de um amplo trabalho colectivo ao nível da direcção, trabalho exercido sobre as informações e análises dos militantes do Partido, a todos os níveis, e veiculadas através da sua organização à escala nacional — são ainda testemunho da capacidade de direcção política do nosso Partido, possibilitada pela sua larga experiência de luta — pela sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

desenvolvimento não capitalista, o problema da passagem ao socialismo é um dos mais actuais.

início em Portugal a uma nova forma de divulgação de obras literárias de valor.

Pela Madrugada é uma história vivida vezes sem conta no meio século de perseguições, torturas e prisões a que foram submetidos os melhores filhos do povo português. O autor literário é seguramente um antigo funcionário clandestino do Partido Comunista Português (cujo nome não foi possível por enquanto averiguar) e que por essa razão se encontrava entre aqueles que com mais firmeza, abnegação e sacrifício resistiram à opressão fascista e lutaram pela liberdade e pelo povo português.

«Os ideólogos burgueses, e com eles os revisionistas de direita e de esquerda», tentam falsificar o conteúdo ideológico, político, económico e social da democracia socialista. A democracia burguesa apresenta-se a si própria como uma «democracia pura». Esta concepção é seguidamente adaptada às diversas condições históricas concretas. Para eles não é a participação das vastas massas do povo trabalhador na direcção do Estado e da sociedade, não é a conformidade da política interna e externa do país com os interesses dos trabalhadores, nem o alargamento, que daí deriva, da actividade criadora do povo em todos os domínios da vida social, mas sim os índices formais que identificam a democracia com os seus aspectos externos e jurídicos, que são considerados como critério de carácter democrático da organização política da sociedade.»

«Fecharam os telhais. Com os prenúncios do Outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arripio de águas e de corpos.» Assim começa, directo e incisivo, o romance: e estas imagens logo nos anunciam o que será a existência das crianças, o seu desolamento explorado, o estalar dos seus sonhos infantis contra a cinzenta opressão da sociedade capitalista.

A obra de Soeiro Pereira Gomes nasceu do seu empenhamento na luta ao lado dos trabalhadores, de todos os explorados. Nasceu da sua militância no Partido, ao qual consagrou por completo a vida. A beleza dessa obra, o seu rigor, a sua força mobilizadora que convidam à solidariedade e à luta os que a lêem, são fruto, em grande parte, de tal empenhamento e da militância. Por isso é uma obra de liberdade e libertadora.

Na presente antologia, expressão da luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Democracia e pelo Socialismo conduzida pelo Partido Comunista Português no período que vai de Janeiro de 1965, ano em que se realizou o VI Congresso do Partido, até ao 25 de Abril, não se incluíram todos os documentos publicados pelo Comité Central durante este período.

Na verdade, o volume dos materiais a recolher e as condições ainda precárias do nosso trabalho não nos permitiram uma edição completa. No entanto, a documentação que aqui se encontra coligida permite acompanhar, no essencial, a análise que o Partido ia fazendo da evolução da situação política, das suas contradições e perspectivas, da luta por ela impulsionada e dirigida como vanguarda organizada da classe operária e verdadeiro representante do interesse nacional.

Essa luta, que imprimiu profundamente a sua marca nestes 9 anos de história do nosso Povo, dá a . textos aqui reunidos, para além do seu interesse político, um alto valor histórico. A história do povo português, e nomeadamente da sua força mais revolucionária — a classe operária —, é inseparável da história do Partido Comunista Português.

Os documentos que apresentamos, resultantes de um amplo trabalho colectivo ao nível da direcção, trabalho exercido sobre as informações e análises dos militantes do Partido, a todos os níveis, e veiculadas através da sua organização à escala nacional — são ainda testemunho da capacidade de direcção política do nosso Partido, possibilitada pela sua larga experiência de luta — pela sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

«Fecharam os telhais. Com os prenúncios do Outono, as primeiras chuvas encheram de frémitos o lodçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arripio de águas e de corpos.» Assim começa, directo e incisivo, o romance: e estas imagens logo nos anunciam o que será a existência das crianças, o seu desolamento explorado, o estalar dos seus sonhos infantis contra a cinzenta opressão da sociedade capitalista.

A obra de Soeiro Pereira Gomes nasceu do seu empenhamento na luta ao lado dos trabalhadores, de todos os explorados. Nasceu da sua militância no Partido, ao qual consagrou por completo a vida. A beleza dessa obra, o seu rigor, a sua força mobilizadora que convidam à solidariedade e à luta os que a lêem, são fruto, em grande parte, de tal empenhamento e da militância. Por isso é uma obra de liberdade e libertadora.

Na presente antologia, expressão da luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Democracia e pelo Socialismo conduzida pelo Partido Comunista Português no período que vai de Janeiro de 1965, ano em que se realizou o VI Congresso do Partido, até ao 25 de Abril, não se incluíram todos os documentos publicados pelo Comité Central durante este período.

Na verdade, o volume dos materiais a recolher e as condições ainda precárias do nosso trabalho não nos permitiram uma edição completa. No entanto, a documentação que aqui se encontra coligida permite acompanhar, no essencial, a análise que o Partido ia fazendo da evolução da situação política, das suas contradições e perspectivas, da luta por ela impulsionada e dirigida como vanguarda organizada da classe operária e verdadeiro representante do interesse nacional.

Essa luta, que imprimiu profundamente a sua marca nestes 9 anos de história do nosso Povo, dá a . textos aqui reunidos, para além do seu interesse político, um alto valor histórico. A história do povo português, e nomeadamente da sua força mais revolucionária — a classe operária —, é inseparável da história do Partido Comunista Português.

Os documentos que apresentamos, resultantes de um amplo trabalho colectivo ao nível da direcção, trabalho exercido sobre as informações e análises dos militantes do Partido, a todos os níveis, e veiculadas através da sua organização à escala nacional — são ainda testemunho da capacidade de direcção política do nosso Partido, possibilitada pela sua larga experiência de luta — pela sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo.

desenvolvimento não capitalista, o problema da passagem ao socialismo é um dos mais actuais.

início em Portugal a uma nova forma de divulgação de obras literárias de valor.

Pela Madrugada é uma história vivida vezes sem conta no meio século de perseguições, torturas e prisões a que foram submetidos os melhores filhos do povo português. O autor literário é seguramente um antigo funcionário clandestino do Partido Comunista Português (cujo nome não foi possível por enquanto averiguar) e que por essa razão se encontrava entre aqueles que com mais firmeza, abnegação e sacrifício resistiram à opressão fascista e lutaram pela liberdade e pelo povo português.

«Os ideólogos burgueses, e com eles os revisionistas de direita e de esquerda», tentam falsificar o conteúdo ideológico, político, económico e social da democracia socialista. A democracia burguesa apresenta-se a si própria como uma «democracia pura». Esta concepção é seguidamente adaptada às

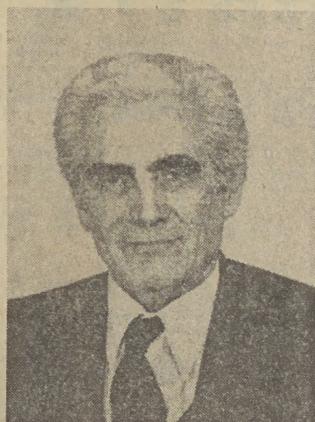
# DEPUTADOS COMUNISTAS, DEPUTADOS DO POVO



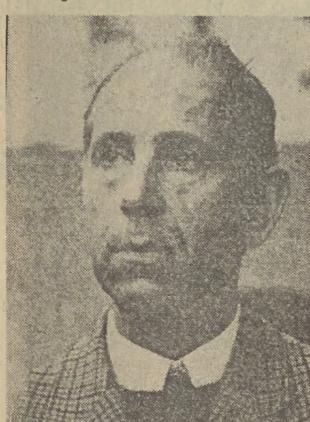
**Adriano Lopes da Fonseca**, operário metalúrgico, de 48 anos, deputado por Lisboa



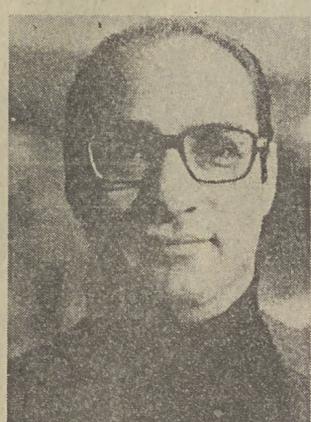
**Alda Nogueira**, licenciada em Físico-Químicas, de 51 anos, membro do Comité Central do PCP, deputada por Lisboa



**Alvaro Cunhal**, secretário-geral do PCP, de 61 anos, deputado por Lisboa



**Américo Leal**, operário corticeiro, de 53 anos, membro do Comité Central do PCP, deputado por Setúbal



**Angelo Veloso**, empregado de escritório, de 44 anos, membro do Comité Central do PCP, deputado pelo Porto



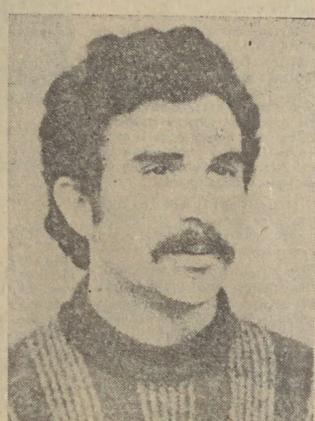
**António Dias Lourenço**, operário metalúrgico, de 59 anos, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, deputado por Setúbal



**António Gervásio**, operário agrícola, de 48 anos, membro do Comité Central do PCP, deputado por Portalegre



**António Malaquias Abalada**, operário agrícola, de 47 anos, deputado por Santarém



**António Marcos dos Santos**, operário metalúrgico, de 29 anos, deputado por Setúbal



**Carlos Brito**, empregado de escritório, de 42 anos, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, deputado por Faro



**Dinis Miranda**, operário agrícola, de 45 anos, membro do Comité Central do PCP, deputado por Évora



**Hermenegilda Rosa Pereira**, operária têxtil, de 37 anos, deputada por Setúbal



**Eugénio de Jesus Domingues**, operário metalúrgico, de 49 anos, deputado por Lisboa



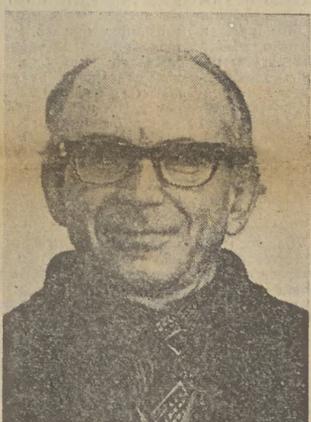
**Fernanda Peleja Patrício**, regente escolar, de 45 anos, deputada por Beja



**Fernando Blanqui Teixeira**, engenheiro químico, de 52 anos, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, deputado por Coimbra



**Fernando dos Santos Pais**, empregado dos CTT, de 39 anos, deputado por Setúbal



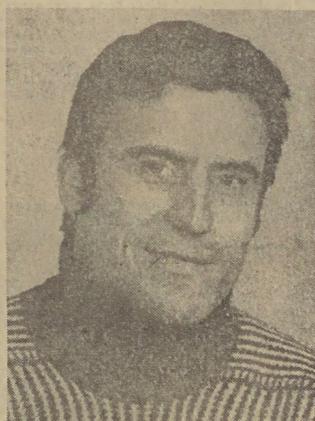
**Francisco Miguel**, operário sapateiro, de 68 anos, membro do Comité Central do PCP, deputado por Beja



**Georgete Ferreira**, operária têxtil, de 49 anos, membro do Comité Central do PCP, deputada por Lisboa



**Jaime Serra**, operário metalúrgico, de 54 anos, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, deputado por Lisboa



**Jerónimo Carvalho de Sousa**, operário metalúrgico, de 28 anos, deputado por Lisboa



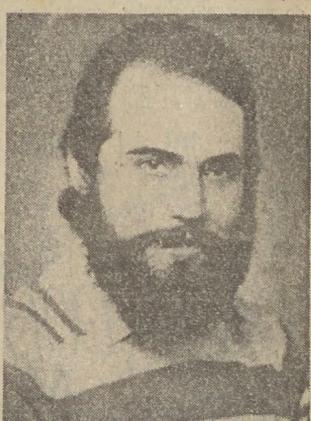
**João António Honrado**, empregado de escritório, de 45 anos, deputado por Beja



**José Carlos Almeida**, barbeiro, membro suplente do Comité Central do PCP, deputado pelo Porto



**José Magro**, empregado de escritório, de 54 anos, membro do Comité Central do PCP, deputado por Lisboa



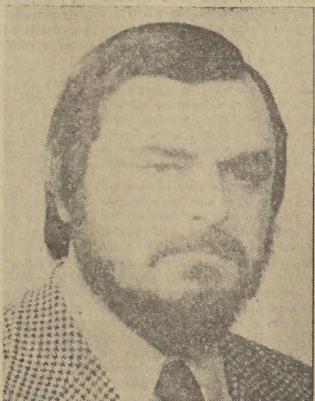
**José Manuel Maia Nunes de Almeida**, operário metalúrgico, de 29 anos, deputado por Setúbal



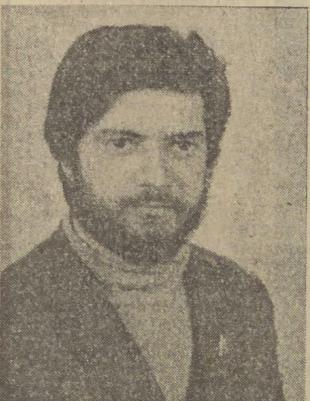
**José Manuel Marques Figueiredo**, controlador fabril, de 32 anos, deputado por Setúbal



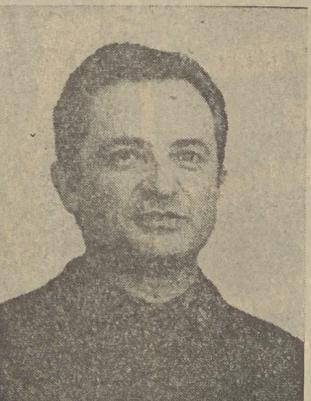
**José Pedro Soares**, tipógrafo, de 25 anos, membro suplente do Comité Central do PCP, deputado por Lisboa



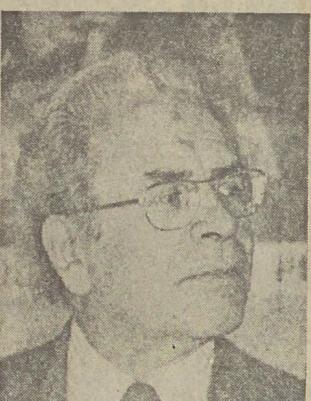
**José Pinheiro Lopes de Almeida**, advogado, de 37 anos, deputado por Lisboa



**Manuel Gusmão**, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, de 29 anos, deputado por Évora



**Octávio Pato**, empregado de comércio, de 49 anos, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, deputado por Lisboa



**Pedro Soares**, professor do Ensino Secundário, de 60 anos, membro do Comité Central do PCP, deputado por Santarém